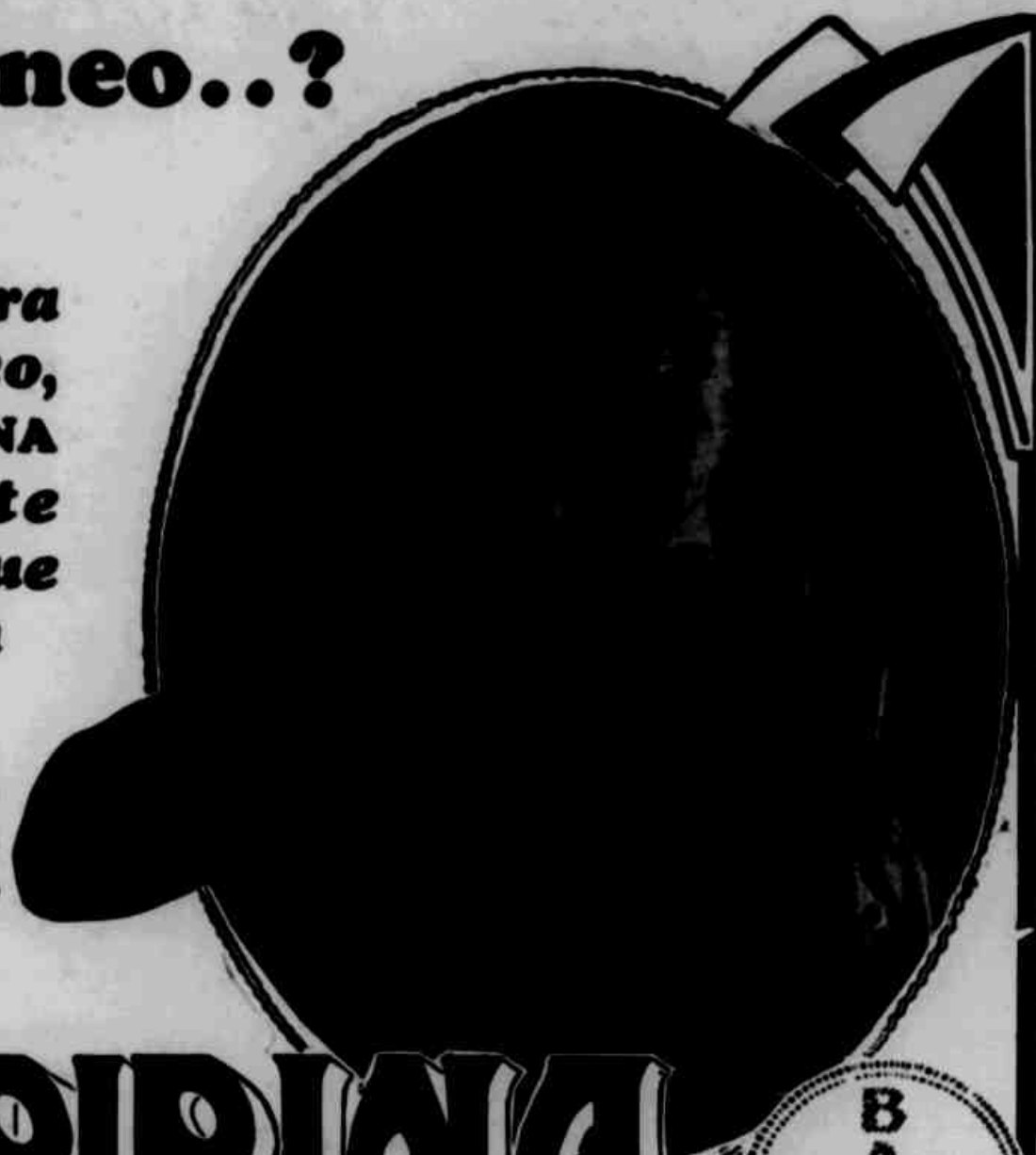
PARA TODOS...

27 JULHO 1929

ANNO XI · NUM. 554

PREÇO 1$

'Um succedaneo..?
—Passo!
Quem usa ou traz para casa um succedaneo, em vez da CAFIASPIRINA legitima, commette uma imprudencia que lhe póde sahir bem cara!
Por este motivo, toda a pessôa discreta e cuidadosa, nega-se a receber productos suspeitos, e exige sempre a nobre e excellente
CAFIASPIRINA
BAYER
CAFIASPIRINA
E' o unico preparado que se póde administrar com plena confiança a qualquer pessôa da familia, pois proporciona allivio immediato e não ataca o coração nem os rins.
"—isto sim"!
Dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, cólicas menstruaes; consequencias de noites perdidas, abusos alcoolicos, etc.

Confortavel no inverno

fresca no verão

Assim será sua casa, si V. S. revestir seus tectos e paredes com Celotex, o maravilhoso material isolante que tão surprehendentes resultados está dando em muitos logares do Brasil.
Com Celotex, os inconvenientes das estações são eliminados completamente.
As paredes revestidas com Celotex impedem a passagem do frio, do calôr e dos ruidos.
As habitações forradas com Celotex são seccas, confortaveis no inverno e frescas no verão.

CELOTEX

INSULATING LUMBER

INTERNATIONAL MACHINERY COMPANY

RIO DE JANEIRO
RUA SÃO PEDRO, 66

SÃO PAULO
RUA FLORENCIO DE ABREU, 152

RECIFE
AV. RIO BRANCO, 139

PORTO ALEGRE
RUA CAPITÃO MONTANHA, 129

ENDEREÇO TELEGRAPHICO GERAL: INTERMACO

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

A HISTORIA DE UM LIVRO

Os livros velhos, os livros expostos, os livros que dormitam no ostracismo dos adèlos, revestidos de poeira, como avoengos perdidos na selva do esquecimento filial, esses livros são para mim como velhos cemiterios enormes que encerram as lembranças das vidas anonymas e obscuras que beberam nelles, com a fé e a ansia do sedento, venenos e elixires. Em cada um desses livros, ha um mundo subterraneo de cadaveres que falam. Cada folha, cada pagina é uma fossa, apr ionanda uma recordação. Por isso, ao entrar no "bric-à-brac", onde compro livros vetustos, sinto como que uma caricia fria de sepulchro.

E em cada livro presinto o continuo ferver, ou antes: a ebulição de um mar profundo, revolto por alguma cousa que não se vê, por alguma cousa que não se ouve...

Entro. Uma pequena, mui pequena sala, se grava em minha retina. As quatro paredes estão literalmente cobertas por estantes que sobem do chão até o tecto, quasi. Em cada "prateleira" fileiras de livros nos mostram os dorsos avariados, os seus dorsos castigados pela furia do tempo, como lombos de animaes açoitados pela furia do chicote. No centro da peça um balcão sobrecarregado de pyramides, obeliscos e monticulos de livros velhos e estragados, atraz dos quaes brilham os vidros de uns oculos que auxiliam a invalidez de uns olhos senis, humidos e cansados, semelhando astrologos que, de tanto olhar o invisivel, e de tanto perscutar o insondavel, já não pudessem vêr nada... Ha livros pelo chão, espalhados. E tambem sobre caixotes, nas cadeiras, em todo o logar, qual migalhas de um festim ou como escombros de algum desmoronamento. E cada livro que tomo entre meus dedos murmura com o murmurio de uma vasta colmeia.

Folheio. Folheio. E as folhas passam. Passam lentamente, e ao passar de cada pagina se erguem cadaveres de cousas que viveram. Cadaveres de lembranças proscriptas.

Tomo um livro. O mais velho de todos. E um livro de amor, hyperbolico. Um livro triste. Um livro alegre. Livro de galãs de cabelleiras longas e d'espadachins quixotescos. Livro de amores que deslizam sua genese, seu triumpho e agonia sob raios de lua de papel pratendo, e entre queixas languidas de violino enfermiço.

Onde esteve este livro? E' já velho. Sua vida foi extensa, incommensuravel e sem fim, como um minuto de dôr. Que mãos seguraram este livro?...

Calmemo-nos! A alma das cousas vae falar. Os cadaveres se exhumam para narrar a historia deste livro velho. O livro dos amores fala:

"Meu nome tentou a tentação de uma adolescencia muito loura, de quinze primaveras floridas, que me guardou comsigo, na ternura morna do seiosinho incipiente. Logo comprehendi que a fazia occultar-me assim, unicamente o temor de que em casa, a sua mamã me visse. E, desde esse instante, houve entre nós a cumplicidade de um beijo peccador.

O mysterio nos uniu fortemente. Por isso, pelo mysterio, eu a amava. Por isso, pelo mysterio, ella me amava...

De noite, quando todos em casa dormiam, a mão branca da menina loura me desenterrava de um bahú, em cujo fundo, varias medalhas, estampas religiosas, escapularios e muitas outras lembranças da meninice de minha dona cobriam a minha existencia de nostalgia com a narrativa de suas vidas mysticas. A menina me tomava entre as mãos. Collocava-me sobre o marmore gelado da mesinha de cabeceira, e começava a tirar o vestido, a despojar-se das roupas. Eu via e calava. Depois, mettia-se na cama. Então, era quando parecia ser uma joia de metal precioso, escondendo-se na brancura avelludada de um estojo branco.

A cabecinha doirada surgia sobre o travesseiro, e a mão branca tornava a me segurar... A pequena lia-me... Liame... Eu me deixava lêr, com a placidez que gosam os que são comprehendidos. E quando os seus olhos claros corriam pelas linhas das minhas paginas, eu sentia um exquisito prurido de beijos. Um prurido muito subtil... E tremia. Nas scenas tristes, quando eu lhe contava, ás pressas, uma cousa sombria, um rapto de ciumes ou o nascimento de uma desesperança, a menina soluçava com os soluços dos meus personagens. Outras vezes, quando eu lhe mostrava a difficuldade do obstaculo, no qual tropeçava o amor forte dos meus

CINEARTE

A revista mais completa em assumptos da cinematographia moderna.

Para todos...

Toda a correspondencia como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", 164, rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402. Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131. Officinas: Villa 6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8.° andar, salas 86 e 87.

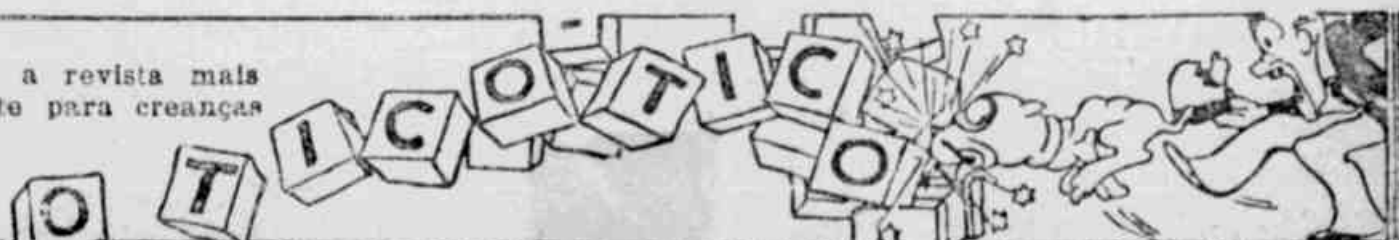
João José de Soiza Reilly

protagonistas, o peito de minha dona se erguia com um impulso de briosa vontade, como si com esse arranque do seu peito virginal quizesse derrubar para sempre o obstaculo. E, quando, sobre a claridade de algumas scenas, fluctuava a odiosidade de um personagem malquisto e antipathico, então a menina me apertava e cerrava os dentes. Mas, em compensação, quando eu lhe apresentava á imaginação a magnifica scena de uma passagem amorosa, entre caricias, beijos e flores, então ella me levava aos labios, beijava-me, e conservava-me assim um instante... Curto e longo instante! E os seus olhos, os seus olhos que já não verei nunca, cravavam-se, extacticos no tecto do quarto, como si os bem-amados esperassem que no tecto se abrisse um intersticio para dar passo á lua, sob cujos raios desceria o "principe azul". O homem que revela o enigma.

Depois os dêdos afrouxavam, e, dos labios da loura eu cahia por entre as cobertas da cama. Então eu me extraviava nos sonhos dos meus sonhares. Sonhava que era homem... Esta vida feliz decorreu na brevidade de algumas noites. Depois, tudo acabou. E, como um velho principe caduco que trouxesse a mocidade no intimo do seu sêr, e a frieza senil na epiderme, deixaram-me ali esquecido, no funebre bahú das lembranças desterradas. Innumeros foram os dias que a minha tristeza viu passar, de um em um... Até que certa vez, uma mão enrugada, mão feia, saturada com o cheiro de cozinha, introduziu-se na solidão do meu desterro. Roubou-me. Em poucos dias envelheci dez annos.

Minha capa se vestiu de luto. Minhas folhas se enlodaram do cebo de velas immundas. Cahi nas mãos da creadagem. E minha vida se adaptou a essa vida, pois tal é a natureza, que até nas púas do soffrimento, sentimos a voluptuosa suavidade da seda... Achei naquella existencia miseravel um estranho goso compassivo. Fui o heróe dos serões de cozinha. Nas noites frias, eu esgrimia o amor e o odio dos meus personagens paradoxaes. As cozinheiras, amas-seccas, cocheiros e creadas de quarto que escutavam as minhas phrases, viam desfilar com impaciencia, a complicada procissão dos meus titeres. Riam, com o riso delles. Aquillo era a minha gloria. Della cahi como sol que desmaia. Como uma crença que morre...

Levaram-me depois para o leito de dôr de uma pobre rapariga, desfolhada flor de vicio. Fui como presente de um cocheiro. A pequena estava doente de excesso de amores. E morria. Extenuada. Exangue. Morria, como essas borboletas que vivem e morrem na mesma luz em que nasceram. Os olhos negros da pobrezinha, já no fundo das orbitas, e escuros como perigos de sonho, fulguravam de instante a instante, ante as minhas paginas. E as minhas paginas scintillavam ante a ternura commovida desses olhos. E eu tremia todo inteiro, inteirinho, nas suas mãos compridas e magras, cheias de suor frio. Tremia como um amante que dá um beijo. E ella, a tisica, a moribunda, apertava-me e beijava-me com o mesmo enthusiasmo com que me apertava e beijava minha primeira dona, a loura. Numa tarde sem sol, sem luz, sem passaros, mas, em compensação, cheia de sombras e d'espectros mudos, cahi ao chão, desde aquelles dedos que se distenderam para sempre, como petalas de uma flor moribunda... Cahi. Desde essa funebre quêda, tive muitas outras quêdas. Para que contal-as? Meu aspecto o delata, suggerindo minha historia. Historia de melancolicos occasos e de alvoradas de esplendor. Historia de capitulos que encerram toda a felicidade da desventura e toda a desventura da felicidade. Gozei como um homem, no soffrimento. Soffri como um homem, no prazer. E aqui estou. Do bolso de um velho philosopho que, por um amor de mulher, se fez poeta e, que, por odio aos homens, passeia a sua philosophia pelos arrabaldes, cheguei até cá, trazido por essa immensa e formidavel força que governa e maneja as paixões do homem: a fome. E aqui estou neste mundo de invalidos onde, como no mundo da humanidade, compra-se tudo o que se vende e vende-se tudo o que se compra. Leva-me. E's descendente de Icaro. Leva-me comtigo para o teu silencio. Para o calmo silencio da tua solidão onde as coisas mortas têm mais sciencia que as coisas vivas".

Por dez centimos, adquiri esse livro. E, todas as noites, fala. Fala como um sabio que fosse muito velho, e como um velho que fosse muito sabio... — (Traducção de ANELEH)

TRES ANNOS DE RHEUMATISMO E CHAGAS

... soffrendo horrivelmente cerca de 3 annos de dores rheumaticas e chagas por todo o corpo, devido a syphilis.

Com o uso do grande ELIXIR DE NOGUEIRA, do Pharmaceutico-Chimico João da Silva Silveira, foi miraculosa a minha cura, pois já tinha idéa de suicidar-me...

ANTONIO CORREIA
(Firma reconhecida)

Bahia — São Salvador, 25 de Agosto de 1927.

Confirmo as expressões supra do Sr. Antonio Correia.
Bahia, 27 de Agosto de 1927.

DR. FRANCISCO DE SALLES NOGUEIRA FILHO
(Firma reconhecida)

Syphilis?

SO' O GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

"ELIXIR de NOGUEIRA"

Si cada socio enviasse a Radio Sociedade uma proposta de novo consocio, em pouco tempo ella poderia duplicar os serviços que vae prestando aos que vivem no Brasil.

... todos os lares espalhados pelo immenso territorio do Brasil receberão livremente o conforto moral da sciencia e da arte...

RUA DA CARIOCA, 45 — 2º Andar

Dá-nos quasi sempre enfado a companhia daquellas pessoas, diante das quaes não devemos mostral-o.

CINEARTE - ALBUM

A mais luxuosa publicação annual cinematographica brasileira.

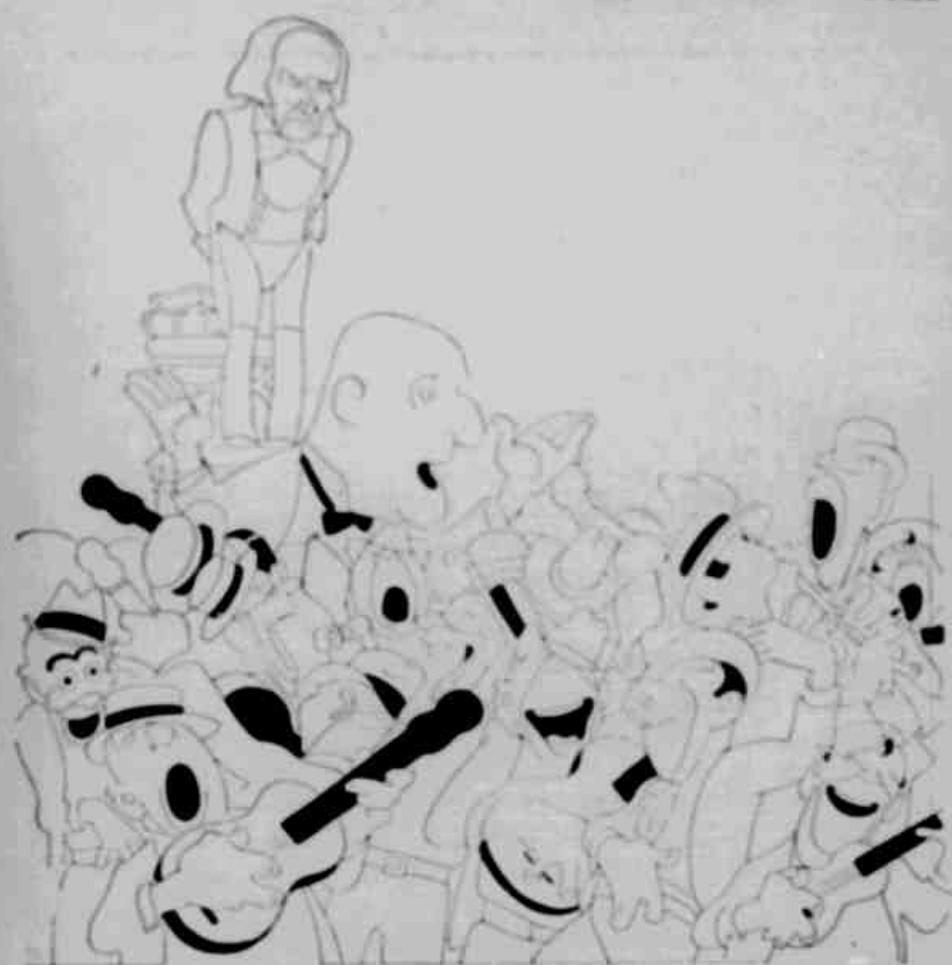
Edições esgotadas em 6 annos seguidos!

A mais completa collecção de retratos de artistas de ambos os sexos.

COLHENDO DADOS PARA A EDIÇÃO DE

CINEARTE - ALBUM PARA 1930

JÁ EM ORGANIZAÇÃO, ACHA-SE NA AMERICA DO NORTE O SR. ADHEMAR GONZAGA, DIRECTOR DA REVISTA **CINEARTE**

Sociedade Anonyma "O MALHO". — Rua do Ouvidor, 164 — RIO.

MINIATURA DA CAPA D'"O MALHO" DE HOJE

Desenhos que são nomes de Nan-kin

Mlle. Chultiane Michel, da Companhia Milton, que está no Lyrico

Leitura para todos — Um magazine mensal que interessa a todos

IL NEIGE !....

Primeiro premio do Concurso do "Figaro", de Paris-(1902)

Para todos...

Maria II

QUANDO, geralmente, se ouve o nome dessa carioca que foi rainha em Portugal, tem-se a impressão, deductiva, pelo que aquelle Dona Maria II nos suggere, de uma senhora alentada, ou mesmo magra se quizerem, em vestido de côrte, á antiga, de manto aos hombros e corôa numa gravura de livro didactico ou de historia dynastica.

Pois, senhores a gravura que vimos e notas que lemos, ambas, gravura e notas, as mais fieis de um tempo, principalmente a gravura, em que o artista não precisou sacrificar a fidelidade á lisonja, porquanto, a fidelidade era digna de ser vista e se impunha, pelo seu encanto, á reproducção — nos deixaram attrahidos, em goso de contemplação.

Nem mesmo essa doce Guilhermina de Hollanda, flôr meiga e clara de Haya, quando, já mulher e criança ainda, subiu gracil e risonha os degráos atapetados de um throno, na meia adolescencia dos seus 18 annos, nem mesmo essa, veio tirar á Maria da Gloria que a conveniencia de uma politica e de uma dynastia veio buscar ao Brasil para appellidal-a depois, em Lisbôa, de Maria II, a primazia incontesta da mais linda, da mais graciosa, da mais mignonette e encantadora rainha que tem tido os reinos do mundo.

Maria da Gloria que fizeram Maria II, era toda um mixto delicioso da gracilidade da menina carioca, quando na formosura pubere dos 15 annos e do alvo frescor das adolescentes nobres de sangue viennense.

Maria de Gloria era delicadamente feminil: "mince" sem deixar de ser esbelta, mignonne sem deixar de ter porte. Na vivacidade dos seus olhos lindos, no encanto risonho da sua pequena bocca, no assetinado da sua tez e das suas mãos, na graça e na belleza attrahente do seu todo, havia uma prodigalidade carinhosa da natureza.

Jamais tanto ecanto, quasi infantil, subiu a um throno e tão amoravel graça teve sobre a formosura de sua pequena cabeça o fulgor do ouro e das pedrarias de uma corôa real.

Dessa linda, encantadora Maria de Gloria, pode-se bem orgulhar o velho Portugal, por a ter tido em seu throno, como desvanecida sorri esta formosa terra carioca por a ter visto nascer e por a ter creado em seu seio de onde um dia a levaram mulher, para fazel-a rainha.

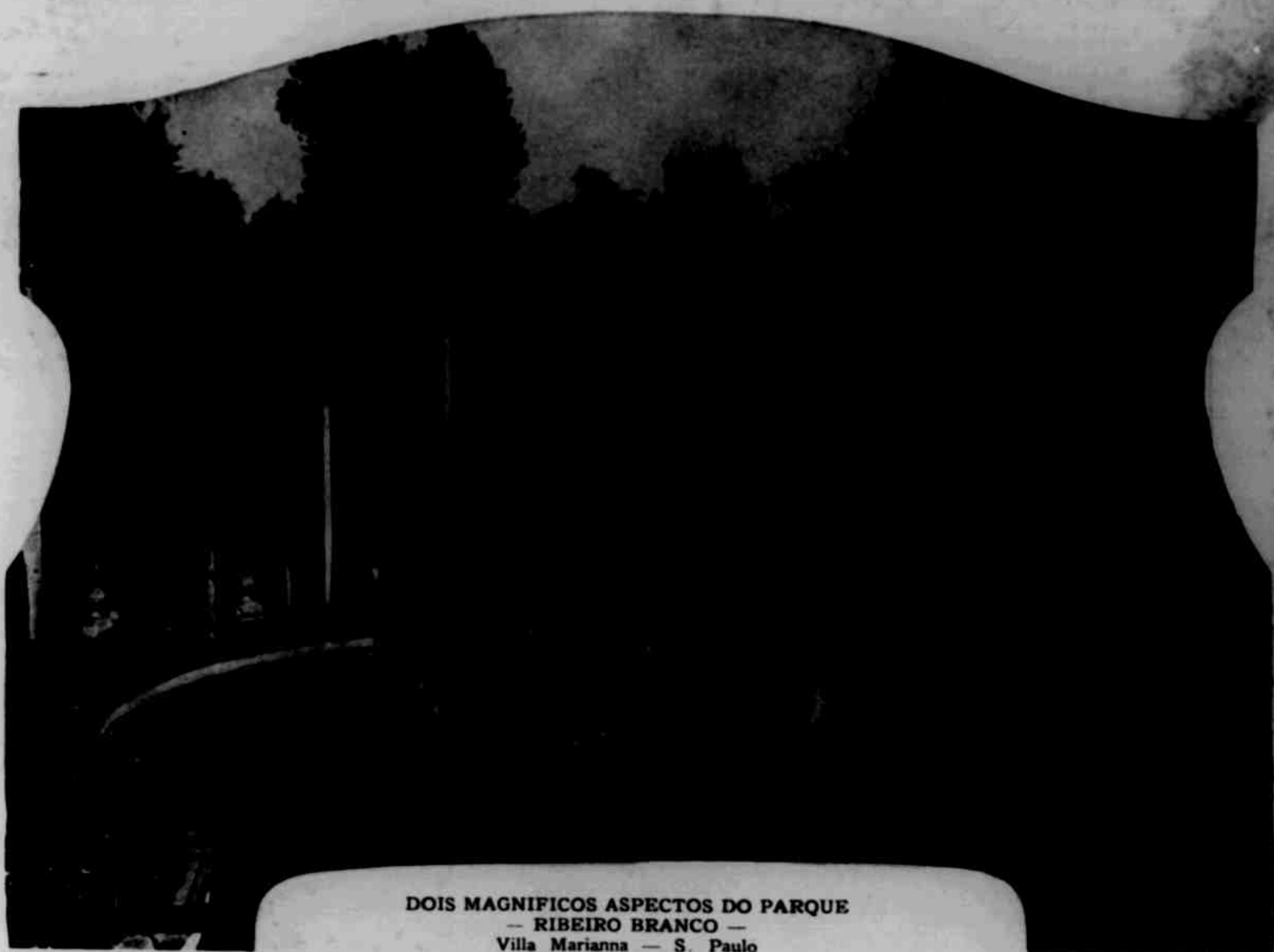
Illustração de J. Carlos

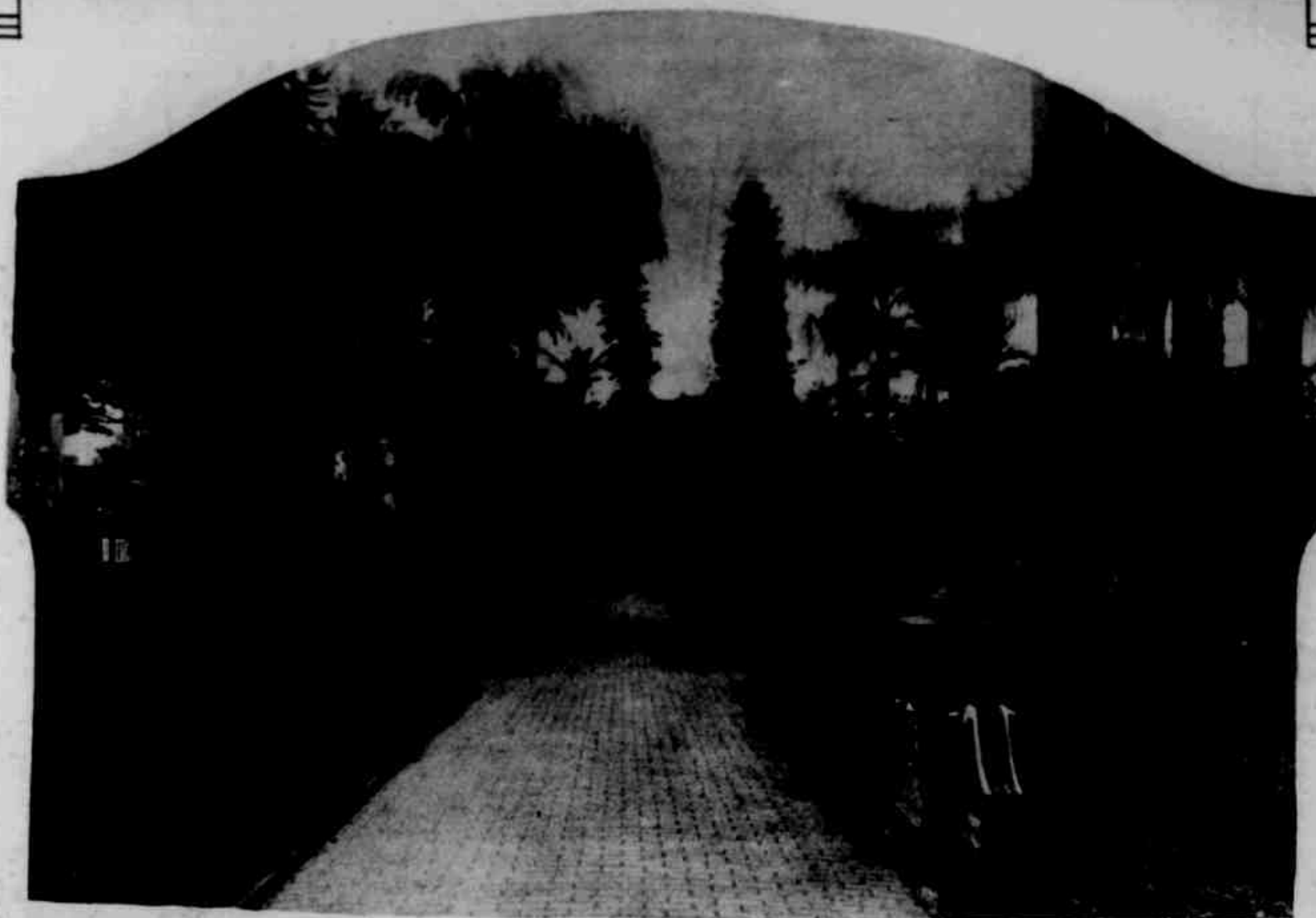
Lima Campos

DOMINGO

DOMINGO

LARGO DO MACHADO

DEPOIS DA MISSA

DOIS MAGNIFICOS ASPECTOS DO PARQUE
— RIBEIRO BRANCO —
Villa Marianna — S. Paulo

O Estraordinario Roteiro de Alain Gerbault. 60.000 Kilometros á Véla.

Causou grande estupefacção, ha seis annos, a proeza de um joven francez, conhecido, até então, apenas como campeão de tennis: em principios de abril de 1923 embarcára só, em Cannes, num pequeno cutter de 9 metros de comprimentos e com 10 toneladas, atravessára o Atlantico e chegára a Nova-York depois de cento e quarenta e dois dias de uma travessia cheia de peripecias. Alain Gerbault contou sua viagem prodigiosa num livro que todo mundo leu: "Seul, atravers l'Atlantique". (Bernard Grasset, edit.) Elle, porem, planejava já um periplo mais audaz. Nesse mesmo "Firecrest", casca de noz, ás vezes balouçada pelas tempestades, elle sahiu de Nova-York a 2 de novembro de 1924 e durante cinco annos de uma viagem solitaria de 60.000 kilometros, elle voltu á França, tendo atravessado todo o Pacifico, o Oceano Indico e contornado a Africa. Suas escalas principaes foram as ilhas Bermudas, Panamá, onde teve de esperar semanas para poder sahir do golfo, eternamente calmo e alcançar as ilhas Galapagos. Em seguida foi directamente ao archipelago Gambier, subiu até ás ilhas Marquezas, desceu ao sul através dos recifes e escolhos das ilhas Tuamotou, alcançou Tahiti e as ilhas Wallis, onde um accidente terrivel immobilisou-o longos mezes. Depois de curta estadia na Australia, fez-se á vela para a ilha de "Reúnion", dobrou o Cabo e, ultima escala, passou oito mezes nas ilhas do Cabo Verde. No prinicpio dessa semana o "Firecrest" foi visto ao largo de "Belle-Isle" dirigindo-se ao Havre, onde está preparada uma recepção enthusiasta ao intrepido navegante. Alain Gerbault aproveitou a sua permanencia nas ilhas do Cabo Verde para escrever a narração da sua segunda viagem, ainda mais assombrosa que a primeira. Será publicada breve, tambem nas edições Grasset, sob o titulo: "A la recontre du Soleil". Publicamos aqui um fragmento inedito desse diario: a chegada e a estadia em Tahiti.

UMA CHALOPA VISTA DE BORDO DO FIRECREST

EMQUANTO O PILOTO DORME A GRANDE VÉLA VÉLA...

GERBAULT EM TRAGE POLYNÉSIO COM UM JOVEN INDIGENA

Esperava muito de Tahiti e a sua belleza não me desapontou absolutamente. Com o pico do Orofenua perdido nas nuvens, o pico entranho e admiravel do diadema, os valles profundos descendo para o mar, a cintura de coral que a circunda em que o oceano quebra suas ondas, ella me pareceu a mais magestosa das ilhas que eu visitára e realmente a rainha dos mares do Sul.

No dia seguinte, vi que a cidade se estendia ao longo da praia, entre arvoredo, á beira mar. Os telhados em ferro ondulado das casas, o quebra-mar e os armazens não conseguiam destruir completamente a belleza de uma paysagem que deveria ter sido grandiosa antes da colonização pelos brancos.

Já começava a ouvir o ruido dos automoveis e a ter, por isso, saudades das ilhas menos civilizadas das Marquezas e Tuamotou.

Lembrando-me da recepção dos indigenas nessas ultimas ilhas, receiava ver perturbada a minha solidão. Com effeito, era Tahiti a primeira ilha de população franceza onde fazia escala e tinha medo de manifestações muito enthusiastas. Enganava-me, entrtentanto: minha passagem por Tahiti foi ignorada officialmente e minha permanencia ali muito socegada. Tive, no emtanto, a satisfação de receber uma carta de felicitações do Sr. Georges Leygnes, ministro da Marinha e que me causou grande prazer, pois era a primeira vez que recebia do governo uma prova de interesse pela minha tentativa.

Papeete não me causou desillisões, porque nada esperava. A cidade é habitada principalmente por mestiços e Chinezes. A população branca é composta de negociantes e de funccionarios que para ali levaram, uns o seu amor ao dinheiro, e outros, todos os preconceitos da civilização branca. Gostavam do que eu detestava e entre nós nada podia haver de commum, por isso vivi em Papeete a bordo do "Firecrest" quasi tão isolado quanto no meio dos grandes oceanos. E' certo que o Papute de Loti estava bem morto, mas isso eu não lastimava, pois não era esse o que eu quizera conhecer e sim o dos primeiros navegantes europeus, o de Wallis, Cook e Bougainville, no tempo em que a civilização tahitiana estava no seu apogeu, com sua constituição feudal, seus maravilhosos poemas lyricos e suas dansas.

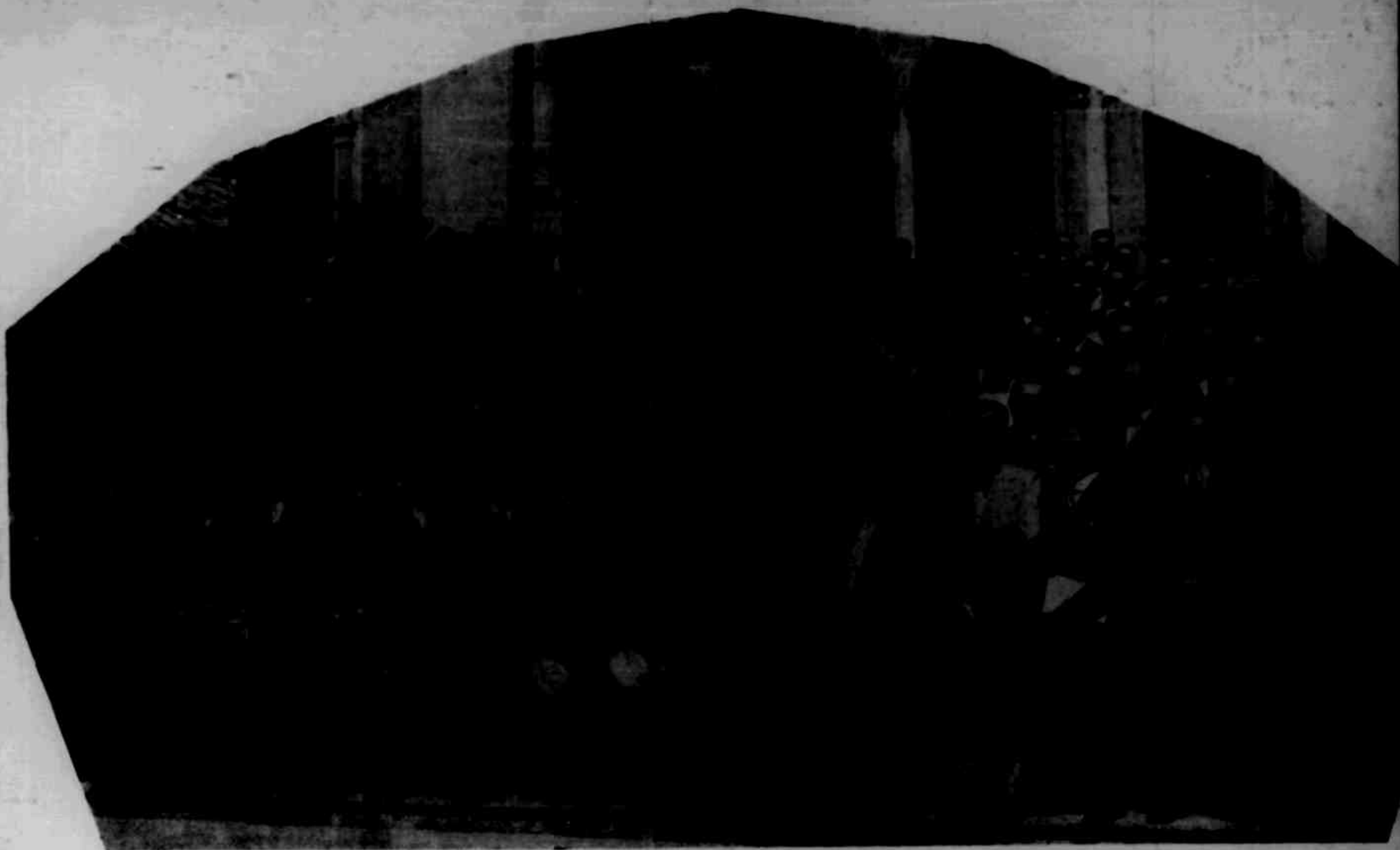
Havia, entretanto, alguns pequenos de Tahiti para os quaes fazia excepção, porque gostavam de jogos e nelles reviviam as antigas virtudes da sua raça. Só elles tinham entrada a bordo do "Firecrest" que alegravam com seus cantos e risadas e commigo faziam interminaveis series de mergulhos e jogavam partidas de water-polo.

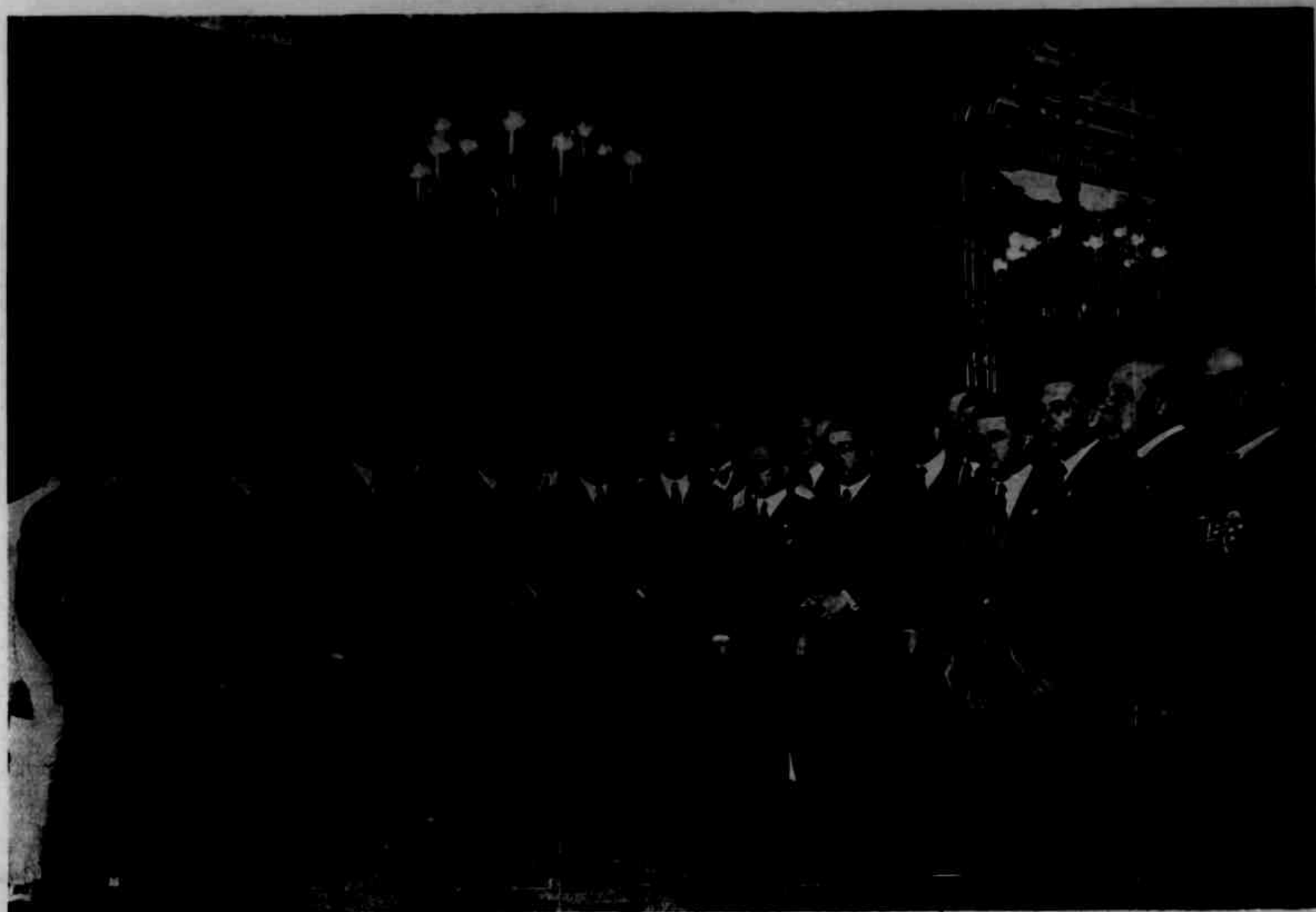
Deante do palacio do governador havia uma casa escondida pelo arvoredo, onde vivia, muito retrahida, "Marau Taaroa a Tati" que fôra a esposa de Pomaré V. Ia visital-a frequentemente e das minhas conversas com a que havia sido outr'ora a rainha de Tahiti, conservo indelevel lembrança e profunda gratidão por aquella que me fez conhecer um pouco as legendas do velho Tahiti, sua historia épica admiravel e sua litteratura maravilhosa...

O "Firecrest" recebeu em Tahiti uma véla grande nova e uma nova giba. Apressei-me, sentindo uma leve brisa, mas foi uma falsa partida porque a brisa cahiu antes da sahida da lagôa e a correnteza fez descahir o cuttir para cima da massa de coraes nas proximidades da ilha de Motu-Atu. Saltando sobre o recife, larguei o "Firecrest" ao longo da muralha a pique e depois, trepando novamente a bordo, voltei ao meu ancoradouro sem que o casco do navio tivesse um arranhão e adiei a partida para o dia immediato. No mar, os dias se seguem, mas não se parecem: no dia seguinte, o vento era forte demais. Sahindo da lagôa com facilidade por uma brisa fresca de sueste, fui surprehendido no canal por um pé de vento que deitava o "Firecrest" sobre o flanco e rasgava a véla grande desde cima até em baixo. Ao mesmo tempo, a ilha desapparecia sob o salseiro e a chuva violenta que o acompanhava. Recolhendo a véla grande, puz-me a fugir sob as tres vélas de prôa, passando no dia seguinte á vista das ilhas Huahine e Raiatea, onde, infelizmente, não podia fazer escala.

Dois dias depois, a ilha de Borabora achava-se apenas a trinta milhas, com seu aspecto lu-

(Termina no fim do numero).

ALAIN GERBAULT NO MASTRO DO SEU BARCO

TERCEIRO CONGRESSO ODONTOLOGICO LATINO-AMERICANO

Em cima: grupo geral dos Congressistas. Em baixo: visita dos Delegados estrangeiros ao Ministro do Exterior

Sabbado da outra semana, no Parque Hotel, quando Tarsila inaugurou a sua primeira exposição no Brasil. Todo o Rio de Janeiro intelligente e elegante esteve lá. E lá tem voltado Nunca uma mostra de arte interessou tanto a cidade. Os amigos da pintora, que tanto pediram a vinda della á terra carioca, estão contentes.

São de Antonio Ferro estas palavras: — A arte de Tarsila é a bandeira do Brasil. "Ordem e Progresso". Ordem, muita ordem. Tudo nos seus logares, tudo perfilado, numa attitude de parada militar. Faz-se a chamada ás arvores, aos moleques, aos comboios que estacionam deante das gares com o seu ar de brinquedos recem-nascidos... Todas as coisas respondem: "Presente!" Tudo grita, tudo grita mysteriosamente, sem se mexer... Um pouco de "imagerie D'Epinal" e um pouco de esculptura em madeira. Manipanso e brinquedo. A força de matiére, de acabamento, de recorte, as coisas, nos quadros de Tarsila, têm um relevo de apparição. Tarsila fará bem, na sua proxima exposição, de afixar, na sala, um cartaz com os seguintes dizeres: "E' prohibido tocar nos objectos expostos". O desprezo pela anecdota e a paixão pela fórma, pelo objecto, vêm-lhe de Leger. ("Le bel object sans autre intention que se qu'il est"). Tarsila recebe influencias, como todos, mas tritura-as, immediatamente, na sua personalidade. A pintura de Tarsila é de Tarsila e do Brasil. Como as avenidas de New York, os seus quadros não precisam de titulos. Podem figurar assim no catalogo: "Brasil nº 1, Brasil nº 2, Brasil nº 3, etc., etc...". Tudo tudo é Brasil: o Morro da Favella, a familia cabocla, o negro adorando a pomba do Espirito Santo, a theoria dos anjos. Bandeira amarella e verde... Ordem e progresso... a ordem das coisas e das figuras em continencia, o progresso d'uma pintura nova, d'uma pintura reveladora, universal e nacional...

T A R S I L A
por Di Cavalcanti

Em baixo: o nosso companheiro Adhemar Gonzaga com Lia Torá, a irmã della, Eva Schnoor, Antonio Cumellas, Carlos Modesto, J. de Moraes e L. S. Marinho, em Hollywood

Matte no Pavilhão do Paraná, um dos mais frequentados da Feira de Amostras.

Sociedade

A semana que passou foi uma das mais brilhantes da presente estação.

Quinta-feira, o recital da senhora Eugenia Alvaro Moreyra constituiu no Theatro Casino, uma das noites mais notaveis de arte e de elegancia da presente temporada.

Sexta-feira, "première" de "Grosse de riche", no Lyrico e depois, ceia no "Coq d'Or".

O "Coq d'Or" esteve um deslumbramento.

Não havia um só logar vago.

Foi uma noite adoravel pelos imprevistos que apresentou.

Primeiro, Alice Cocea, a deliciosa Condessa de la Rochefouauld cantou o "C'est un petit quelque chose", de "Lulu".

Foi um successo para a fina comediante que ora nos visita.

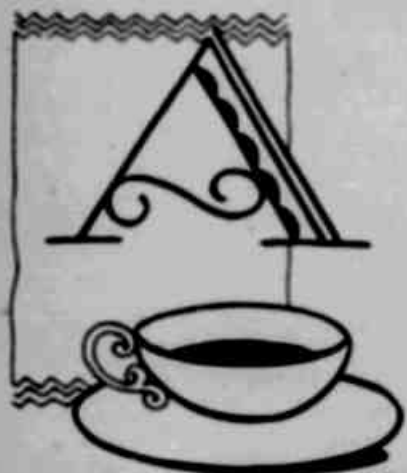
Logo a seguir, o grande comico Milton não se fez de rogado e convidou para que o acompanhassem no famoso "réfrain" "La fille du bédouin". Milton esteve simplesmente encantador.

Finalmente, Sergio da Rocha Miranda cantou coisas brasileiras e "Les nuits". Foi applaudidissimo. Estavam no "Coq d'Or", entre outras pessoas: senhor e senhora José Carlos de Figueiredo, senhor e senhora Roberto de Souza Coelho, senhor e senhora Jorge Honold, senhor e senhora Alvaro Lyra, senhor e senhora Plinio Uchôa, senhor e senhora Eduardo Ramos, senhor e senhora Gabriel Monteiro de Barros, senhora Lilian Hime de Castão Maya, senhor e senhora Alberto Faria, senhor e senhora Cezar Proença, senhor e senhora Paulo de Santo Dumont, senhora Portocarrero, srta. A. de Mello, Conde Dejean, Embaixador da França, Ministro da Rumania, Ministro da Polonia, senhor, senhora e senhoritas Frederico Burlamaqui, senhor Paulo Goulart, senhor e senhora Marianno Procopio senhores Victor Cunha, Octavio de Souza Dantas, Octavio Reis, Joaquim Proença, Virgilio Mello Franco, Leão Velloso, Ruy de Carvalho, Tristão da Cunha, Barão de Thénard, E. Ledoux, etc.

Sabbado, continuou a peregrinação elegante iniciada quinta-feira. Inaugurou-se no Palace-Hotel a exposição de pintura dessa extraordinaria artista Tarsila. Presentes, as figuras mais representativas das artes da sociedade lá estavam: senhor e senhora João Peixoto, senhor e senhora Octavio Simonsen, senhor e senhora Alvaro Moreyra, Gilberto Trompowski, senhor e senhora Santos Lobo, senhor e senhora Almirante Marques Couto, senhora Pasternack, senhor e senhora Alberto de Faria, senhor e senhora Plinio Uchôa, senhor e senhora Pontes de Miranda, senhor e senhora Di Cavalcanti, senhor e senhora João Cartier, senhores Tristão da Cunha, Manuel Bandeira, Vasco da Cunha, Paulo Goulart, Morillo Mendes, Antonio Bento Edmundo da Luz Pinto, Brutus Pedreira, Octavio Guinle, Manoel de Abreu, Mario Pedrosa, Sergio da Rocha Miranda, Oswaldo Goeldi, Victor Cunha, etc. Ás 6 horas da tarde, o salão do "Chá Russo", na Feira de Amostras, dirigido pela illustre senhora Zuleika de Mayrinck estava repleto.

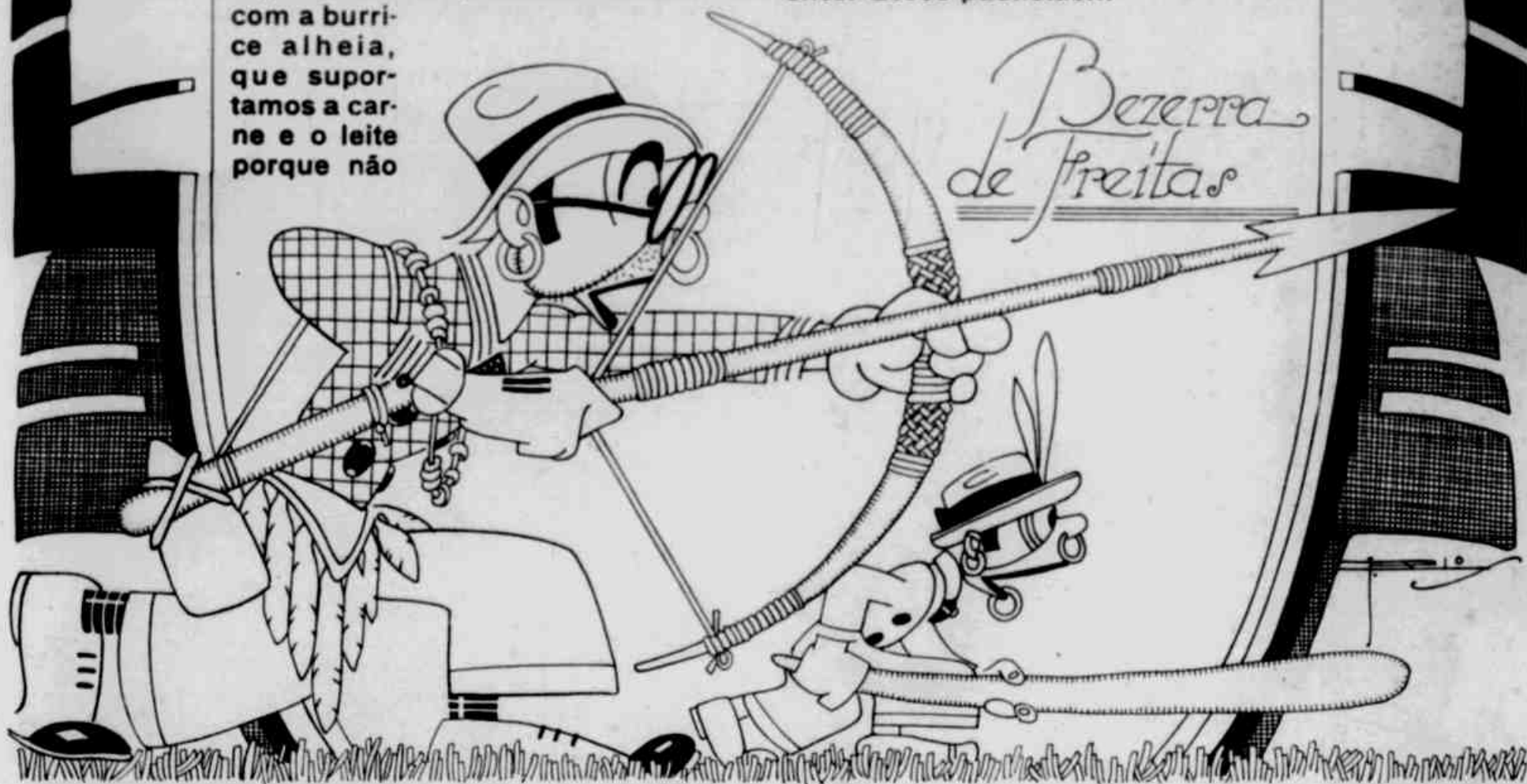
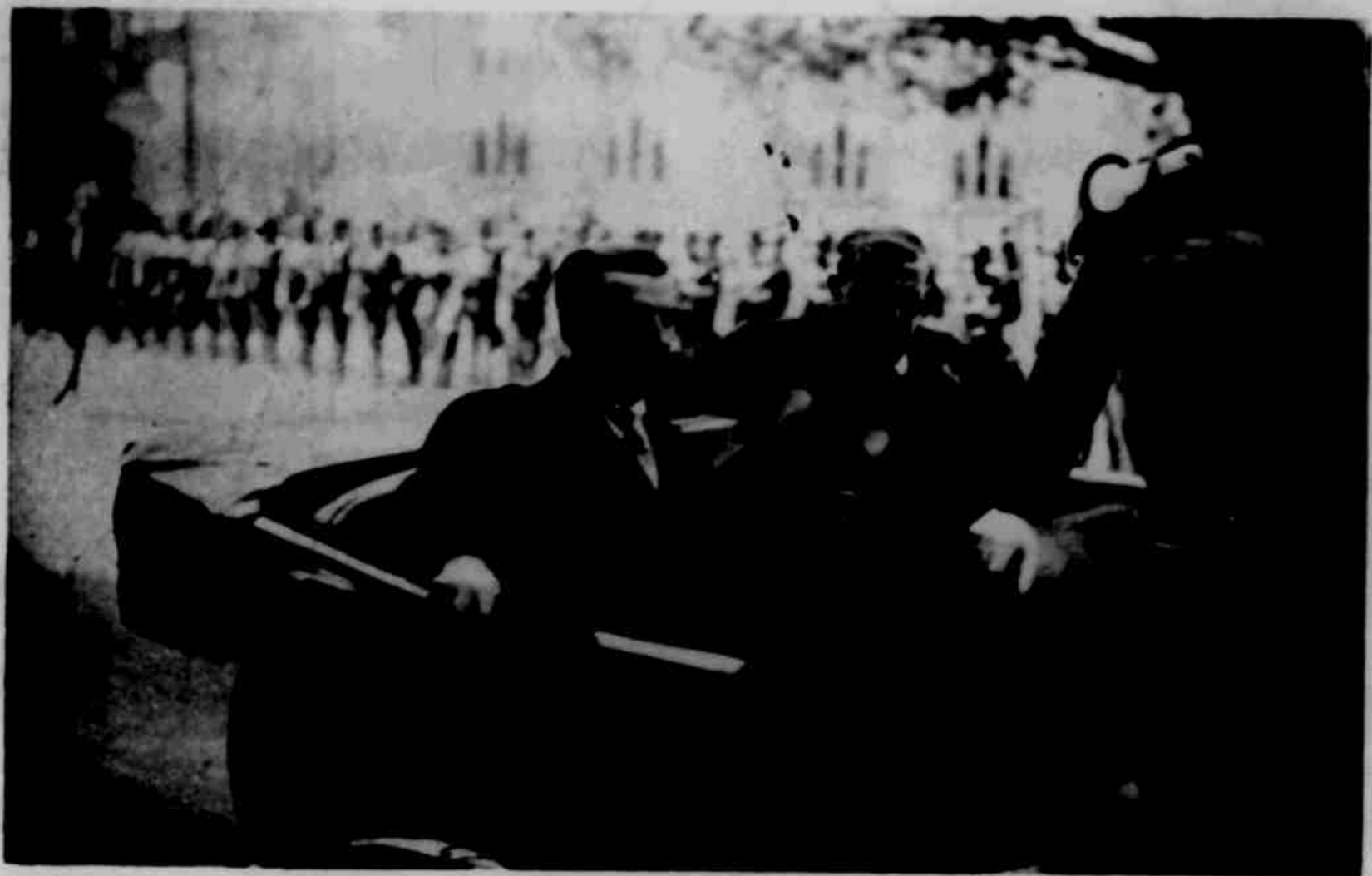
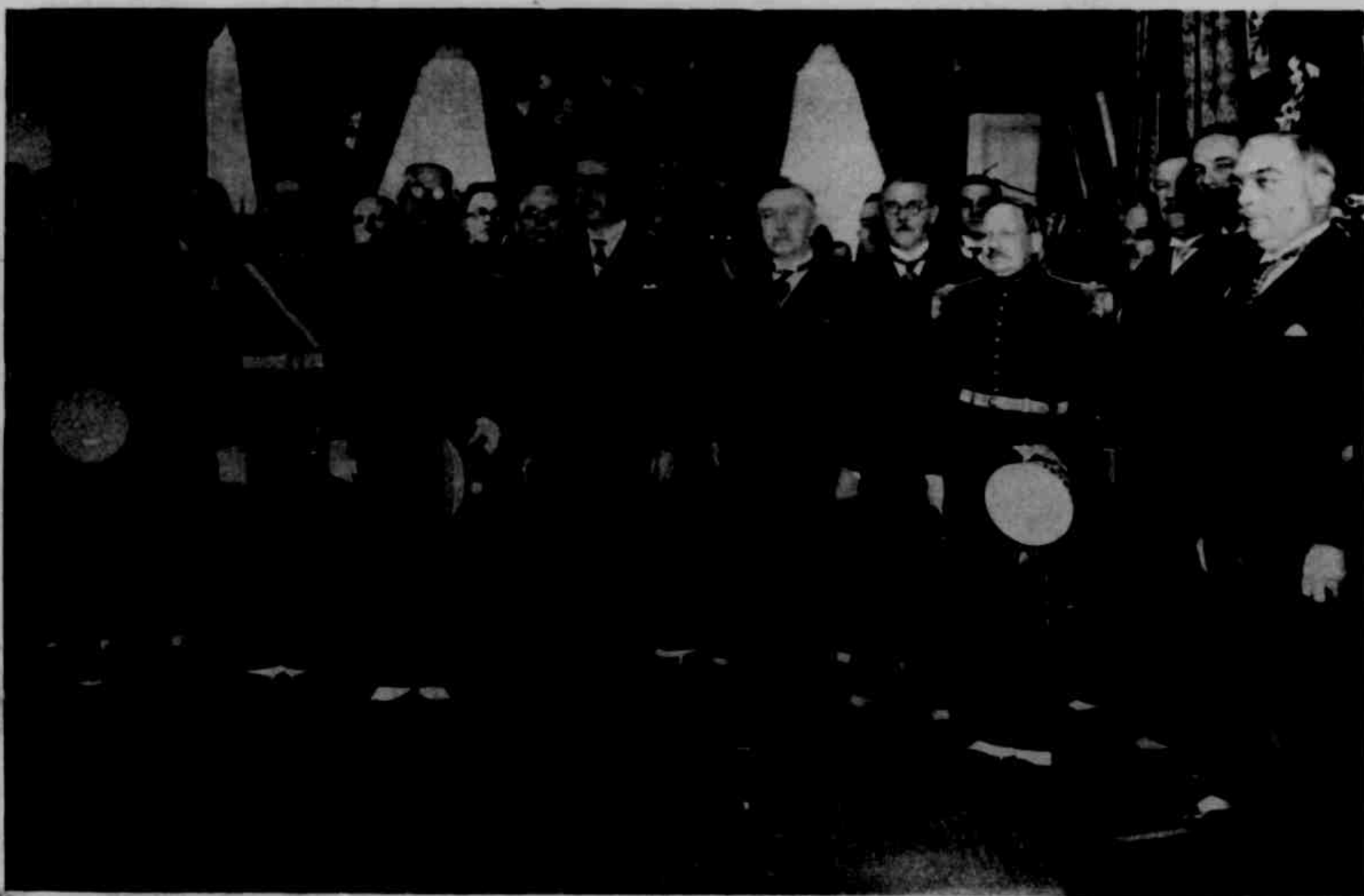
Entre outras pessoas: senhor e senhora Antonio Prado Junior, senhora Herminia Prado Monteiro de Barros e outras pessoas gradas.

Victor Vietorino

No Dia do Botão de Ouro

ANTROPOPHAGIA

A gente culta de S. Paulo resolveu acreditar na antropophagia... O demonio do José Clemente diz-me que é o primeiro movimento serio que se faz no Brasil. Movimento sem literatura, fecundo, positivo, destinado a investir contra a estupidez historica dos catechisados de Anchieta. Terá razão? E' sempre difficil achar a verdade entre os carnivoras pensantes do valle do Anhangabahú. O paulista moderno é um troglodyta amavel e cheio de intenções. Suas tendencias literarias marcham para o symbolismo das côres vivas, fortes e brilhantes, com que esmaga o forasteiro atordoado das peninsulas, dos sóes mediterraneos ou das brumas scandinavas. Suas preferencias historicas ou ethnographicas caminham para o silencio de laboratorio: entre quatro paredes brancas e frias, uma pinça, uma retorta e um antropoide. Psycho-analyse da raça, desejo de mostrar que não temos nada com a burrice alheia, que suportamos a carne e o leite porque não ha cousa melhor no mercado, que somos, afinal de contas, bôas pessoas trabalhadas por máos conselhos e terriveis principios freudianos... Conta-nos a lenda que durante muito cercos viram-se os paes esfomeados devorar os proprios filhos. Ugolino, os romanos ao tempo de Commodo e os naufragos da fragata "Medusa" são os grandes antropophagos da historia. O irrequieto bispo sardinha, devorado com toda a tripulação, pelos indios cahetés, não deixou testamento aberto nem cerrado. Mas o pessoal da terra roxa parece disposto a defender, de qualquer forma, a memoria do terrivel inimigo do desabalado governador Duarte da Costa. Morubixadas e carijós repetem, de mãos postas, o nome do bispo famoso. Não se esquecem, comtudo, de examinar as cotações da bolsa, o cambio politico e o preço do cafe. Uns empacotam notas de um conto, outros vão até as margens do Nilo e tiram photographias montados em camellos, em pleno deserto. E' por isso que eu não acredito nos antropophagos paulistas: um tanto epicuristas tranquillos, ironicos, assignantes de banhos de sól, querendo nos transformar em fantoches. Esses paulistas...

Bezerra de Freitas

São Paulo

O Presidente Julio Prestes e o secretario do Interior, Dr Fabio Barreto, chegando ao Congresso do Estado.

Os secretarios de Estado Drs. Salles Junior e Fernando Costa e varios congressistas á porta do Congresso do Estado.

ALGUMAS REALIZAÇÕES DO GOVERNO JULIO PRESTES

O povo ao redor do monumento de S. Paulo, em frente ao Palacio do Governo, assiste a chegada do Presidente Julio Prestes.

O presidente Julio Prestes e o vice-presidente Dr. Heitor Penteado, as altas autoridades militares federaes e secretarios de Estado na recepção em palacio.

A nota sensacional da semana musical que findou foi, sem duvida, o concurso de piano para premio de viagem á Europa. Candidatos todos mais ou menos equilibrados, muito conhecidos no nosso meio, cada um representava a esperança de victoria de um grande partido. De modo que o concurso decorreu num ambiente fortemente animado, sendo a execução de cada peça coroada com verdadeiras ovações. Tudo isso é muito animador, por isso mesmo, muito justo. O applauso do publico, muitas vezes, coroando os esforços de um artista intelligente, compensa-lhe todos os sacrificios que faz para se manter artista em um meio em que tudo é tão difficil!

Ainda bem, pois, que o publico soube ser gentil com todos os concorrentes, ovacionando-os por egual, para que se sentissem estimulados até á hora da proclamação do victorioso.

O victorioso, no caso foi uma victoriosa: — a senhorita Dora Bevilacqua, pianista de incontestavel merito, cheia de excellentes predicados, mercê dos quaes ainda poderá vir a conquistar os maiores triumphos na carreira. Por estas mesmas columnas já tivemos occasião de fazer as mais enthusiasticas referencias ao bello talento de Dora Bevilacqua. Conferindo-lhe o Premio de Viagem, por maioria de votos, o Jury do Concurso veio provar que não andavamos errados no nosso juizo.

Secundou Dora Bevilacqua, na votação, o concorrente Arnaldo Rebêllo, que, se não conseguiu reunir o numero de votos sufficientes para lhe assegurar a victoria, conseguiu, entretanto, uma declaração de voto de Emil Frey — membro do jury — a qual vale por uma consagração.

Effectivamente, o celebre pianista, votando na candidata Ilára Gomes Grosso, declarou "sentir não poder repartir o premio com o concorrente Arnaldo Rebêllo". E tinha toda a razão o bravo pianista suisso, que acaba de nos deixar. Arnaldo Rebêllo constitue um caso aparte entre os nossos estudiosos da musica.

Arnaldo Rebêllo veio-nos do Amazonas longinquo. Artista de estranha sensibilidade, elle é, como temperamento, não como o Amazonas monstro do Inferno Verde, mas como o Amazonas suave dos luares de prata, não como o Amazonas indomavel das florestas bravias, mas como o Amazonas romantico das lendas maravilhosas... Um temperamento de poeta, poeta da musica, poeta das harmonias que envolvem o espirito de commovida suavidade, poeta do piano...

Elle annuncia para muito breve o seu recital no Instituto de Musica. Será uma hora bôa de encanto, para os que sentem a musica, na sua expressão emocional, que nem todos os que são pianistas sabem comprehender para transmittir.

DE MUSICA

Elle não é apenas um temperamento artistico excepcional, porque é tambem um grande apaixonado da sua arte. O seu curso de piano, rematado com o Primeiro Premio — Medalha de Ouro — foi brilhante, mas foi feito entre sacrificios, que elle enfrentava corajosamente, confiante no dia de amanhã que seria compensador, como ha de ser fatalmente.

Artista real, pelo temperamento e pela sensibilidade, estudioso, o seu maior sonho é a carreira de virtuose do teclado. Para poder apossar-se de todos os elementos a isso indispensaveis, pensou em ouvir os conselhos de uma grande summidade pianistica européa. O Premio de Viagem escapou-lhe, por pouco, das mãos. Seria o caso do Governo do Estado do Amazonas ir ao encontro de suas aspirações, extendendo-lhe a mão generosa e protectora. Uma pensão para que Arnaldo Rebêllo possa aperfeiçoar-se na Europa, é o premio justo que todos esperam do Grande Estado maravilhoso do Norte.

E depois, temos disso certeza absoluta, virá a compensação fatal, porque Arnaldo Rebêllo, por onde quer que vá, será sempre um vehiculo de sympathias, um pretexto de applausos, um motivo de glorificação para o proprio Amazonas.

No momento em que o formoso Estado Nortista começa, a refazer-se, ahi fica o appello para que não deixe estiolar-se inutilmente o excepcional talento musical de Arnaldo Rebêllo, indiscutivelmente um dos mais completos da nova geração artistica brasileira.

O Jury do Concurso, como dissemos linhas atraz, dividindo-se entre Dora Bevilacqua e Arnaldo Rebêllo, conferiu a Ilara Gomes Grosso o voto de Emil Frey, que reconheceu assim, não apenas os meritos pessoaes da candidata, mas, ainda, fez justiça aos predicados da escola pianistica em que foi educada — a de Barroso Netto, a quem Emil Frey egualmente premiou com a concessão de seu voto.

No Club de Regatas Botafogo durante o baile que ali se realisou sabbado passado.

Pagú

Desenho de Di Cavalcanti

Pagú está no Rio.

Veiu com Tarsila, Annita Malfatti, Oswald de Andrade.

Não veiu para vêr a cidade, as praias, as montanhas, as vitrinas.

Veiu.

Sem complemento.

Pagú aboliu a grammatica da vida.

A analyse logica foi um preconceito da Escola Normal.

Pagú parece um leão, uma arvoresinha de enfeite, um léque japonez.

Mas de perto a gente acerta: é uma menina de cabellos malucos que ella nunca penteia.

Pagú não tem modos.

Tem genio.

Faz poemas.

Faz desenhos.

Os poemas se dependuram nos desenhos e ficam gritando.

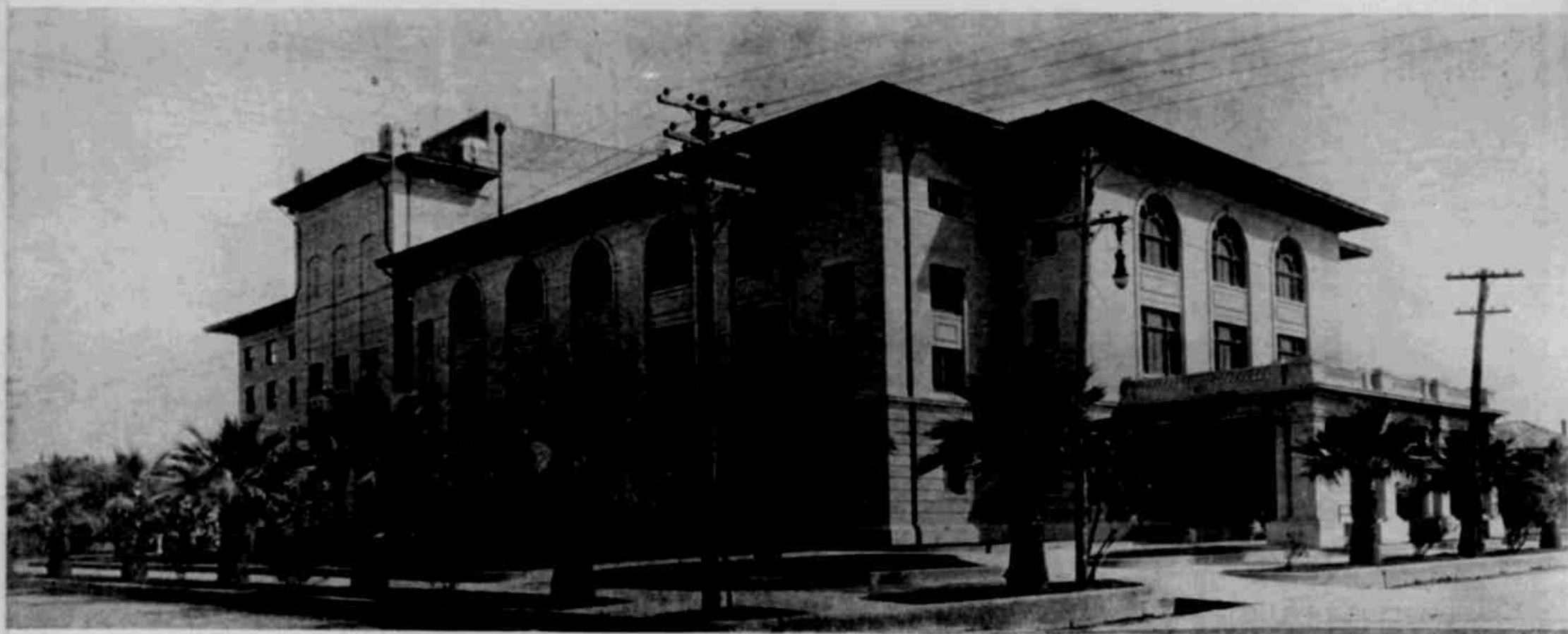
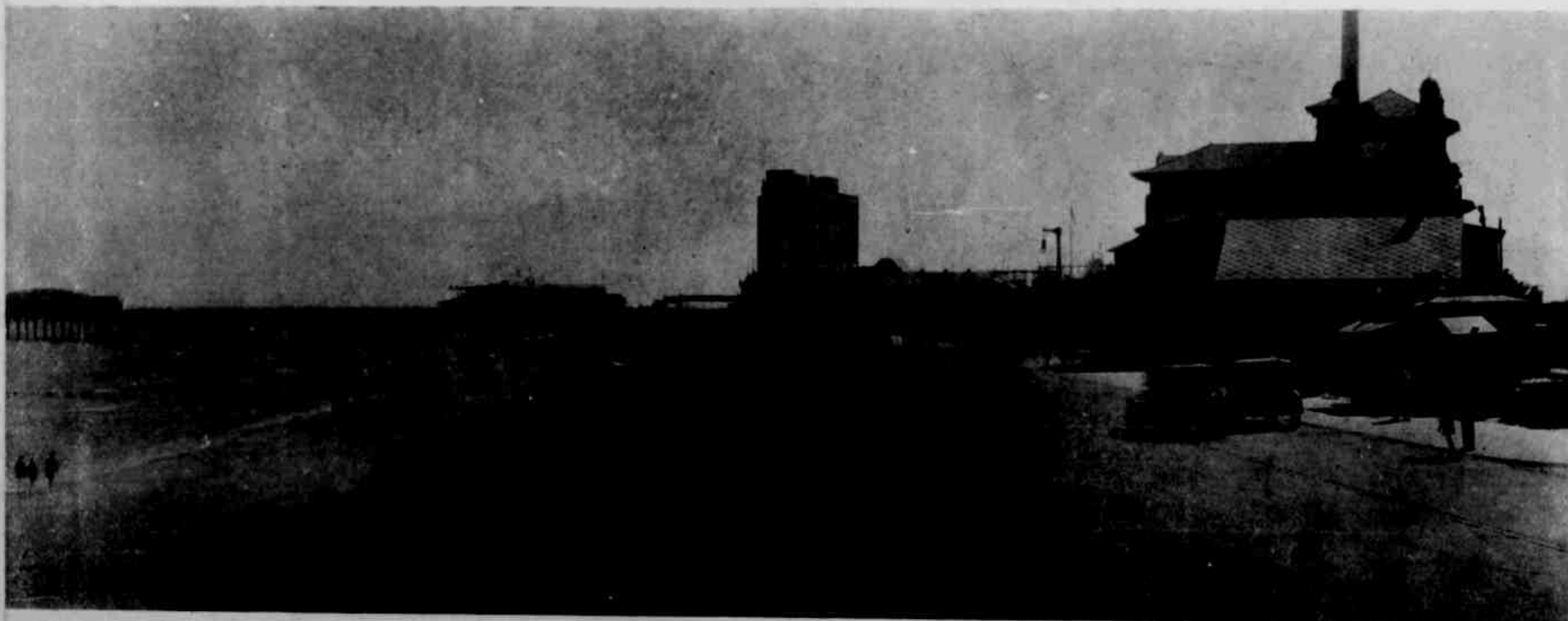
Quem passa pára.

Eta pequena notavel!

Pagú é o ultimo producto de São Paulo.

E' o annuncio luminoso da Antropofagia...

A...

G A L V E S T O N

Em cima: o hotel onde esteve hospedada Miss Brasil. No meio: o Auditorio Municipal, com capacidade para 5.000 pessoas e onde foi escolhida a vencedora do concurso. Em baixo: um aspecto da praia celebre.

MISSES NORTE AMERICANAS

Misses

Em cima, Miss Universo. Em baixo e no centro, lindas misses americanas.

M i s s e s

Photographias que nos cederam os nossos queridos camaradas do "Correio da Manhã".

MISSES NORTE AMERICANAS

Aracy Côrtes, primeira figura do elenco do Recreio, a mais brasileira das actrizes brasileiras.

O Destino do João Caetano

Estão bastante adeantadas as obras do Theatro João Caetano. Vae ser uma bella casa de espectaculos, de linhas exteriores modernissimas e interiormente, do maximo conforto. Terá ao que me informaram 1.400 logares e a caixa é ampla bastante para que permitta a exploração de qualquer genero theatral.

Concluido o novo theatro, não faltarão pretendentes. Não se conhece, ainda, o pensamento do Prefeito acerca do destino que lhe será dado. Póde-se, porém, ter a certeza de que a Prefeitura não o explorará directamente. O regimen será o mesmo do Municipal,? o arrendamento, com um contracto complicadissimos que afasta os bem intencionados e que nunca póde ser executado integralmente por inexequivel? E qual será — e este é o aspecto da questão que quero focalisar — o genero theatral admittido, e que especie de companhias agasalhará o João Caetano?

A Prefeitura possue o Municipal que, mediante certas condições, entrega a estrangeiros para temporadas de companhias estrangeiras. Emprehendimentos brasileiros são admittidos ali por favor, e nenhum concessionario do Municipal, nem por longe, encara a possibilidade de gastar seja o que fôr em uma tentativa de theatro nacional brasileiro, muito embora empregue dezenas de contos em negocios, de antemão fracassados, como, por exemplo, companhias italianas de comedia.

A Prefeitura possue, mais, o Theatro Casino, que passou a outras mãos, por um contracto de arrendamento a longo praso. A empreza commercial que o detem e que dispendeu, no acabamento do edificio, vultuoso capital, procura realisar negocios com lucro certo, e assim, muito naturalmente, desinteressa-se de tentativas, de provento duvidoso. O resultado e que com o Casino não pódem contar os que desejam realisar alguma cousa interessando a arte theatral brasileira.

Assim, dois theatros da Prefeitura destinam-se a temporadas de companhias estrangeiras. Vae possuir, elle, agora, o terceiro. Dar-lhe-á o mesmo destino? E' o que todo o mundo pergunta.

Era tempo, todavia, de cuidar do nosso theatro. Por que não ha de o Prefeito reservar um dos tres theatros da Municipalidade, construidos com o dinheiro do contribuinte brasileiro — ou estrangeiro que o ganhou aqui — ao theatro brasileiro, exclusivamente?

Não colhe o argumento de que não existe theatro brasileiro. Isso, como já tenho affirmado, é um circulo vicioso. Não podemos armar tendas na rua para exhibir artistas nossos que desejem demonstrar a sua existencia. Se, no entanto, o João Caetano fosse destinado a quaesquer emprehendimentos desse genero desde que os promotores fossem julgados energias idoneas, estou certo de que renasceria o nosso theatro, e entrariamos em uma phase de realisações interessantissimas. Para tanto bastava que não houvesse um concessionario, mas muitos, cada qual com um praso restricto de permanencia e um programma a cumprir.

Que fará o Prefeito?

A que ãos irá parar o João Caetano?

Mais uma vez vae ser jogada a sorte do theatro nacional...

MARIO NUNES.

"Tsar Saltan", tres scenas.

Scenarios de J. Bilibine.

Maria Kousnezoff-Massenet, Alfrede.

Masseult, Korovine, e Zodin.

Petrauskas - Piotrovsky
em "Princelgor".

Joukowitch
em "Princelgor".

Maria
Kousnezoff
Massenet
como ella é e nas operas
Roma e Thaïs

Opéra Privé de Paris

QUE VAMOS TER NO
THEATRO LYRICO.

Exposição de Ceramica Russa na Manufactura Real de Sèvres

Caçadora
Manufactura de Gardner

Vendedora de bugigangas
Manufactura de Popov

Lembro-me ter visto, nesta exposição, uma senhora idosa, dessas do "tempo antigo", das muitas que se viram obrigadas, já no fim da vida, a deixar sua patria, sob ameaça de morte. Ella mostrava as vitrines a dois netinhos, dizendo-lhes: "Venham, venham, vou mostrar-lhes e contar-lhes como se vivia antigamente".

E ella falava á medida que as estatuetas e as figuras pintadas nas chicaras e pratos iam despertando as recordações na sua alma saudosa... E as creanças arregalavam os olhos, admiradas, ao ouvir a historia de coisas que nunca tinham visto e que nunca chegariam a ver...

O que está nas vitrines da exposição não é apenas uma historia da ceramica russa; é mais do que isso: é a historia da Russia "e a ceramica". Esta historia apresenta dois aspectos; primeiro, a Russia official, a Côrte; segundo, a Russia burgueza, domestica, camponeza, popular.

A primeira começa no reinado da imperatriz Elisabeth, filha de Pedro o Grande (1741), pois foi a fundadora da Manufactura Imperial que se devia tornar tão afamada. E' pois com o estylo Luiz XV e sob a direcção de artistas de Sèvres que principia a ceramica russa. Por isso, os objectos dessa época pertencem ao mesmo estylo "pseudo-classico" em que a nossa poesia de então celebrava as victorias das armas russas, o nascimento dos principes de sangue, as virtudes dos soberanos e principalmente das soberanas. Ha como que um surto de apotheose em volta dos objectos e dos retratos dessa epoca.

E temos, depois do "panache" do seculo XVIII, a rigidez militar das massas disciplinadas. Depois das apotheoses fantasticas, quasi mythologicas, eis a geometria marcial dos reinados de Alexandre 1° e de Nicolau 1°. Em paiz algum, talvez, como na Russia, durante a primeira metade do seculo XIX, o soldado, o uniforme, o regimento, toda a "esthetica" militar emfim, dominaram tanto a pintura.

E', pois, natural que o elemento militar occupe um logar importante na arte decorativa. Não esqueçamos que o começo dessa "moda" coincide com a época napoleonica, o que explica o caracter "Imperio" dos fundos architecturaes e até as proprias paysagens. E' preciso notar que nem a invasão de 1812, nem a quéda de Napoleão, em nada influiram para a preferencia desse estylo que, na Russia, continuou a predominar mesmo depois de substituido nos outros paizes pelo falso-gothico. Na Russia, o romantismo foi introduzido pela poesia, e não pelas artes plasticas; e pode-se ver numa das vitrines o retrato do poeta Jonkovsky, pae do romantismo russo, decorando uma chicara de estylo Imperio.

Eis, em poucas linhas, como é apresentada a Russia official. Não é, porém, a unica: ha, nas mesmas vitrines, uma multidão de estatuetas que evocam uma Russia burgueza, camponeza, operaria.

Em toda a exposição, são as estatuetas que têm um cunho russo mais pronunciado: são incontestavelmente russas. Pelo lado ethnographico, constituem um "documento"; e mais ainda, são um documento "social", pela variedade de classes e officios que representam.

E é este facto que tem concorrido para a maior parte do seu successo junto ao publico. O lado "official" da vida é quasi o mesmo em toda parte: não é nem nas Côrtes, nem nos salões, nem nas revistas militares que se encontra a côr local. E é este o motivo porque o interesse do publico (e, "ipso facto", o successo da exposição) é despertado não pelas imperatrizes, pelos soberanos ou pelos generaes, mas pela leiteira, pelo marceneiro, pelo burguez da provincia, pelo modesto proprietario rural, pelo camponio voltando da lavoura no seu cavallo cansado, pela ceifeira e, principalmente, pela mimosa carregadora d'agua que se tornou como que o emblema da exposição. Estas figurinhas representam de um modo variado e pittoresco, a fusão das duas correntes de que falámos acima: a importada e a que brota do sólo patrio. Confundem-se aqui, do mesmo modo que o realismo do assumpto se funde á maneira um pouco romantica de o tratar. Ha nisto tudo um lado "além da vida" cheio de encanto, um elemento de "humour" que é essencialmente humano e que o artista accrescenta á natureza. Tudo isto justifica o logar de honra que as nossas figurinhas conquistaram junto ao publico.

Uma das vitrines está occupada por coisas exquesitas, de uma arte rude de processos primitivos. São especimens de ceramica popular em terra envernisada. Arte utilitaria que se dedica principalmente aos objectos de uso domestico e um pouco á fantasia: Vemos pombas-castiçaes, um peixe-pucaro, aguias de duas cabeças servindo de frascos, etc. Alguns animaes simples, sem utilidade que não seja alegria esthetica: um cão, um leão, etc. E' como que o folklore da ceramica; arte do campo que não tem data, que não é velha, nem nova e que é de todos os tempos. Distinguimos nellas, entretanto, infiltrações de "civilisação" que são engraçadas, porque inesperadas: e não é que vimos um centauro nessa mesma vitrine?...

Procurei dar uma idéa, em poucas palavras, do que evocavam em mim os objectos expostos.

O que a avó contava a seus netinhos era, sem duvida, mais interessante; mas quem poderá contar historias como uma avózinha?...

(PRINCE SERGE WOLKONSKY)

Mulher da Georgia
Manufactura Imperial

Peixeira
Manufactura de Gardner

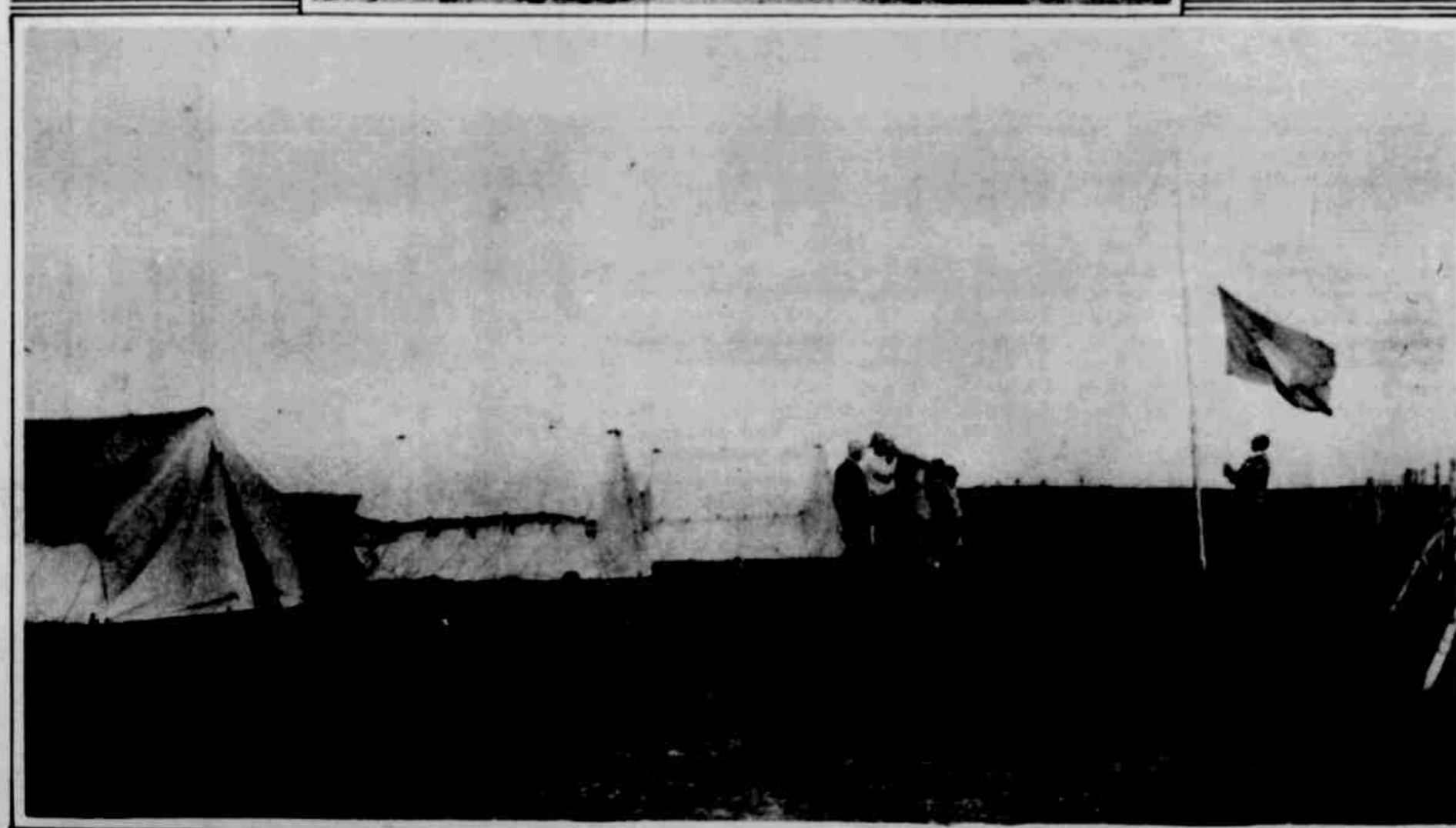
Aguadeira
Manufactura Imperial

Mãezinha
Manufactura de Gardner

Brasil e Uruguay

Commissão de limites. Guabiju'. Ponto importante da fronteira, vendo se á direita um marco da Commissão de 1852, e o acantonamento da Commissão Brasileira.

Primeiro marco intercalado na linha Secca, a 70 metros do marco da Commissão Andréa, junto ao Cemiterio da Serrilhada.

Cerimonia diaria do hasteamento da bandeira nacional.

guarda dissera-lhe que se podia ir embora. Turibio mirava-o, olhos abertos e fixos. Tinha uma expressão de doido. Ia para perguntar o quer que era, mas, a um movimento do outro, deteve-se, humilde. O guarda deitou-lhe a mão ao hombro, muito calmo:

— Anda, põe-te lá fóra...

— Lá fóra...

Os olhos abriam-se-lhe desmesuradamente. Hesitava; afinal decidiu-se:

— Lá fóra — e indicava a porta aberta, dando para o pateo. — Lá, na rua?

— Na rua, sim... Anda, põe-te lá fóra.

Turibio passava a mão pela cabeça, olhava estupidamente. Desceu a mão pela nuca, passou-a pela barba hirsuta e crescida. Olhava. E arriscou umas palavras, a medo:

— Posso ir para casa?

O outro desatou a rir:

— Como é? Para casa? — e ria-se. — Queres ir para casa, não é?!

E achava-lhe graça. Queria ir para casa; era boa! Veiu-lhe um accesso de tosse. E repetia:

— Com que então queres ir para casa, hein?

Turibio calara-se, cabeça baixa. Esteve assim um pouco; levantou a cabeça por fim:

— Não, senhor... — e desculpava-se, muito humilde. — Não queria ir para casa. Ia, mas era se V. S. me désse licença... — e apparentava um sorriso; as palavras sahiam-lhe a custo. — Não era porque eu quizesse, não senhor; — embargava-se-lhe a voz na garganta — ia porque V. S. me estava mandando embora. Mas V. S. desculpe...

Falava como uma pessoa a quem se acenasse com uma esperança para fazel-a desapparecer desde logo. E repetia com a voz estrangulada:

— V. S. desculpe... Pois se eu nem me quero mais ir embora!

O guarda tinha os olhos cheios de lagrimas, á força de rir. Queria ir para casa, o diabo do homem! Enxugou os olhos, levou o lenço á bocca. E, agarrando-o por braço:

— Queres ir para casa, não é? Pois vae...

Tossia; levou outra vez o lenço á bocca:

— E' boa! Pois vae... Vae, se a encontrares! O que é preciso é que te não demores por aqui. Põe-te na rua, anda!

Empurrou-o, bateu-lhe a porta nas costas. Turibio ficou parado, no pateo, a olhar para fóra. Deu uns passos, correu os olhos pelas paredes, altas, distantes. Moveu os braços, respirou forte. Para lá da porta ficava a sala de espera, vasta, caiada de novo. Elle atravessou-a. Mas, pelo corredor ao lado, vinha um sujeito de oculos. Turibio parou, timido. Não fosse mandal-o para dentro. E ficou á espera, tremulo, resignado.

O sjueito vira-o, acenava-lhe com a mão:

— Seja feliz, hein, irmãozinho; seja feliz! Veja se nos não torna a occupar.

Elle acompanhava-o com os olhos, indeciso, surpreso. Dum banco proximo, agarrado á parede, meio occulta pela sombra, surdira uma figura esqueletica de mulher. Embrulhava-se num chale, tinha um pequeno ao colo. E foi para o dos oculos; cumprimentava com a cabeça, a fala em pranto, os olhos cheios dagua:

— Senhor doutor... Eu vinha para visitar o 18...

— A's terças, filha; ás terças é que são as visitas. Está la na porta; é a ordem... Venha depois de amanhã. E' a ordem; ás terças é que são...

E sumiu-se por uma porta. A mulher teve um gesto de desanimo; ageitou o pequeno ao hombro, poz-lhe o chale pela cabeça e sahiu. A' frente da casa, o jardineiro regava duas enfezadas palmeiras, em tiras, irrompendo dentre moitas de tinhorões rubros. Turibio seguira; desceu os dois largos degráos de pedra da entrada, pisou o cascalho do jardim. Ia para transpor o portão, mas o jardineiro detevera-se e olhava-o. Elle arriscou um cumprimento:

— Deus Nosso Senhor lhe dê bons dias, patrão!

— Deus o salve a você! E que permitta que nunca mais o vejamos cá por casa...

Turibio agradecia:

— Muito obrigado ao senhor! Deus que o permitta! — e enchia-se de coragem: — Deus que o permitta... Olhe, muito obrigado ao senhor!

Sahiu; mas da rua voltou-se ainda para traz. O jardineiro curvara-se, cuidava plantas. O sol cahia do alto, rutilo, sobre o aspero cascalho lucido do jardim. Perto, ao alto morro, badalavam sinos; e da capellinha para cá derramava-se o casario do povoado, atabalhoadamente, pintalgado de côres vivas. Turibio mirava a casa. Ha doze annos era acanhada e humida; pelo telhado limoso e negro, á sombra de copadas arvores, desoladas plantas rachiticas finavam-se, baldas de calor. Agora, erguia-se para o sol, vasta e nova. E as janellas, as grades de ferro tinham uma coloração artistica de bronze.

Abanou a cabeça; olhou ainda um pouco. Seguiu afinal. Ia embora.O jardineiro, porém, vira-o parado, e teve uma idéa. Correu á porta, chamou-o:

— Eh lá, ó amigo! — e gritava — O' amigo! — e, sardonico: — Onde diabo vae você assim?...

Elle parou. Fez-se-lhe um nó na garganta. Uma coisa gelida subia-lhe, rapida, á cabeça. Tremiam-lhe as pernas.

— O' amigo! Olhe, faça favor...

Turibio veiu. O que elle entrevira ha pouco, o que elle sonhára, tudo lhe desabava de repente. Sentia-o ruir no cerebro. Veiu, não porque o quizesse; as pernas traziam-n'o, mão grado seu. Entrou. Tinha as feições desfiguradas. Passou a manga da camisa pelos olhos; ia para subir os dois largos degráos de pedra. O jardineiro agarrou-o:

— Onde diabo vae você, homem?

Turibio sacudiu-se num impeto, para se desvencilhar do outro:

— Vou p'ra cima... Lá p'ra cima...

E num desabafo:

— Lá pr'a cima, pr'a o inferno!

— O' homem de Deus! — e o jardineiro parecia arrependido de o ter chamado. — Que pensa você que a gente lhe quer? — o outro olhava-o; não comprehendia coisa nenhuma. — Você quer ir embora, quer? Se quer, olhe que já aqui não está quem falou... Co'os diabos! A gente até se arrepende de lhe querer fazer bem!

Fazer bem; queria-lhe fazer bem. Turibio ficou olhando, calado. O jardineiro falava, batendo-lhe no hombro:

— Vae você por ahi, sem casaco e sem chapéo; a gente chama-o, e põe-se você com essa cara que até dá vontade de lhe voltar as costas, para a não vêr.

E elle recordava-se. E, ia por ali sem casaco e sem chapéo. Mas tinha-os em casa. E concordava:

— E', vou... Mas tenho-os em casa.

— Em casa, onde?

— Em casa, lá em casa...

O outro sacudiu a cabeça:

— Qual! você até parece que não entende as coisas... Que casa é que você tem? onde é? Que diabo é que você tem casa?

— A minha roupa... — e como lhe houvesse recordado alguma coisa melhor — a minha filha!

Enchia-se-lhe o rosto de jubilo, áquella idéa da filha. Brilhavam-lhe os olhos. O jardineiro fitou-o; talvez duvidasse da seriedade do que elle estava dizendo. E não lhe tirava os olhos de cima; não lhe perdia uma contracção, um movimento. Afinal:

— Você está falando sério?

Turibio nem lhe escutára a pergunta. Repetia muito baixo, sómente para si:

— A minha filha!

O outro teve um gesto de piedade.

— Olhe, 22, venha cá... — e passou-lhe o braço pelos hombros. — Venha cá commigo. Você parece-me um bom homem.

Turibio deixou-se ir; parecia que já se não recordava de mais nada do que lhe estava em redor. Calara-se, alheio a tudo, como quem mergulha num sonho. Foram pelo corredor, ao lado da casa. Ao fundo era o quarto das ferramentas, pequeno, de taboas. Entraram. Dependurado do tabique, pendia a roupa de uso. O jardineiro tomou de um "paletot" esverdeado, roto:

— Escute, 22. — Turibio olhava em roda, átôa. — Escute... Leve isto para você... Tenho tambem ali um chapéo velho. — O outro mirava-o, pasmo. — Está um pouco velho... — elle dizia-lhe que não, com a cabeça. — Está, mas que diabo! antes um casaco roto do que nenhum. — Turibio fizera um gesto de recusa. — Leve-os, eu tenho outros; comprei-os ha dias...

E poz-lhe o casaco aos hombros; ajudava-o a vestir as mangas:

— Você ha pouco estava com medo, não era?

— E' que... O senhor sabe, é que ás vezes a gente... — passava a manga do casaco pelos olhos, para enxugar as lagrimas; ria-se. A gente, ás vezes, sabe lá o que tem...

O jardineiro examinava-lhe a roupa:

Obra Completa

Conto de Pedro Rabello
Desenhos de Oswaldo Goeldi

— Fica-lhe a matar! Olhe, é só para ver...

Foi a um canto da parede, agarrou la um pedaço de espelho, collado a um retalho de cartão, preso por tiras de papel de côr; pol-o deante dos olhos de Turibio, obrigou-o a segural-o:

— Veja só... Olhe que nem de encommenda!

Fel-o voltar-se de costas. Olhava.

— Nem de encommenda! Parece que foi fito para você!

Turibio tomou do espelho, fitou-o um pouco, levantou-o mais, para ver bem. Passava a mão pela barba, pelo rosto magro, pelos cabellos crescidos. O rosto delle, muito pallido, muito grave, contrastava com o do outro. Palpava com os dedos as covas amarellas da face. Ficou muito tempo, olhando. E abanava a cabeça, com um ar desolado, em silencio.

— Hein? — perguntava-lhe o jardineiro. — Que tal? Está-lhe a matar!

— E' — e Turibio voltava-se para elle, muito sério. — E' uma esmola que eu lhe hei de pagar. A gente neste mundo sempre se encontra, mais dia, menos dia... — olhava para a porta. — Bem, eu vou indo... — e esperava a ver se o outro lhe não dizia nada. — Eu vou indo... Muito obrigado ao senhor!

— Nem por isso!

— Deus Nosso Senhor é que lhe ha de dar o pago.

Sahia, chapéo na mão. O jardineiro acompanhou-o; levou-o até a porta, á entrada. Elle voltou-se ainda:

— Deus lhe dê muito ao senhor, e que lhe não falte...

Demorou-se um pouco, a olhar para os lados, como quem se orienta. O caminho fazia uma curva á esquerda; seguia, ladeando cercas; subito, descia para o valle. A' direita, era o povoado, em morro ingreme. E abaixo delle, para longe, através dos campos, quasi na orla azulada dos montes longinquos, sumia-se a linha de postes da via-ferrea — onde por neblinosas madrugadas e asperas tardes frigidas, ferreos, pesados,

"...tinha um pequeno ao colo..."

comboios rolavam, abalando o silencio de em redor... Turibio tomou á esquerda; andava a custo, com esforço, com fadiga. Por vezes, illuminavam-se-lhe os olhos, murmurava muito baixo: — "A minha filha!" Num ponto, deteve-se, mirou o sol. — "Pr'a mais de onze..." E seguiu. A estrada, em declive, ajudava-o a descer. Puxou o chapéo para o rosto. Em baixo, onde começavam os campos, deteve-se ainda. O caminho cansava-o, respirou, comprimindo o peito. E foi por um atalho, por entre terras humidas, para lá, muito longe, onde arvores se erguiam e uma torre tocava o céo.

Mas, dentre sáfaras moitas hispidas de hispidos espinheiros, uma dulçurosa, tremula toada surdiu:

Peito que foi magoado
Bóte pr'a fóra a paixão...

Um homem vinha, pela estrada. Passou através dos espinheiros, desappareceu numa curva, surgiu afinal, adeante. Cantava. E a voz delle, nostalgica e saudosa, espalhava-se, nitida, pelo ar:

Peito que foi magoado
Bóte pr'a fóra a paixão;
Amor não póde morar
Onde mora a ingratidão...

Demorava-se, numa ultima nota, e, numa outra nota prolongada, repetiu:

Aaaah...

Amor não póde morar
Onde mora a ingratidão.

Turibio parou; o homem vinha para elle. Tirou o chapéo:

— Com perdão do senhor, hein... Fazer parar assim uma pessoa... E' que eu queria ir para a Santa Thomazia... Já nem sei mais onde é.

— Santa Thomazia?

— E'... Santa Thomazia. Eu tenho lá uma filha.

O homem reflectia — "Santa Thomazia... Santa Thomazia". E, alteando a voz:

— O senhor quer ir para a Santa Thomazia?

— E'...

— Veiu de muito longe?

— Vim lá de cima...

Turibio apontava o morro, distante, para lá da linha de postes da via-ferrea.

— Da banda da Cadeia Nova?

— E'... Da banda da Cadeia.

O homem fazia por se recordar onde era a Santa Thomazia:

— Santa Thomazia... O senhor já lá esteve?

— Ha tantos annos!

— Muitos, pr'a mais de dez?

Turibio encolheu os hombros:

— Já lá se vae tanto tempo!

O outro ficára em silencio; mas, afinal:

— Pois, por aqui não ha nenhuma Santa Thomazia, não.

— E' que o senhor não se lembra. Havia lá uma fazenda, grande. Era a um bocado do cemiterio. Até a capellinha pegou fogo.

— Ah! a capellinha pegou fogo?

— Pegou.

— Se sei! O senhor dizia que era Santa Thomazia... Agua Nova sei eu que é! Fica perto da fazenda da Saudade, não fica?

— Fica logo adeante.

— E até a capellinha pegou fogo?

— Pegou fogo.

— Não havia eu de saber onde é a Agua Nova! Pois se lá até foi que mataram o filho da fazendeira...

Turibio fez-se pallido, voltou o rosto, levou a mão á barba. Depois, muito tranquillo, muito devagar:

— Houve lá uma morte, na Agua Nova. Agora, ha pouco tempo?

— Pouco tempo? Só doze annos sei eu que ha.

— Doze annos... — e elle contava pelos dedos. — Doze annos... E mataram um homem?

— Mataram.

— Mataram... — e elle continuava, a meia voz — Mataram... Quem sabe lá se o teriam morto agora! Quem sabe lá? Depois, mais alto:

— E que matou foi preso? — O homem dizia-lhe que sim. — Foi preso... Sabe o senhor o que é ser preso, hein? Sabe o que é? Preso sempre, sempre, sempre... Ah! — e rangia os dentes, de raiva. — Sabe o que é?

O outro olhava-o, desconfiado, muito sério. Turibio calára-se; fitou-o um pouco, baixou a cabeça. Acalmava-se. Depois:

Tremia, de colera. O homem puxou o braço:

— Como é que o senhor sabe que elle tinha uma filha?

Turibio voltou a si. Disfarçava:

— Eu ia lá, ás vezes... e depois, lá — e indicava o caminho, para traz. — lá toda a gente conta; todos sabem... O senhor mesmo disse, inda agora...

— E'... — e o outro concordava. — Na Agua Nova, então, toda a gente sabe. Não vê mesmo que aquillo era para se esquecer assim! Que morte! Picou-o todo, a faca; todo! No peito, nos olhos, na bocca...

— Na bocca, no peito... Nos olhos... — e elle accentuava aquillo. — A bocca era falsa, os olhos enganavam... Sabe o senhor? Enganavam... Olhavam para o outro assim... — e passava as maçãs do rosto para baixo, com os dedos; deixava os olhos a descoberto. — Olhavam assim claro, puro... Falava tão doce, tão sério... Falso, tudo falso! Pensa que elle tinha coração? Tinha coração como o senhor, como eu? — e levava a mão ao peito. — Tinha coração, aqui? Ah! Quem o tem faz

"... para longe, através dos campos..."

— Mataram-n'o á tôa?

O homem sorriu:

— A' tôa! Quer saber o senhor? Eu tenho lá uns parentes...

— Na Agua Nova?

— Sim, na Agua Nova. Agora mesmo vou eu para lá... — Turibio ouvia, muito attento. — Tenho lá uns parentes. Pois elles sabem de tudo; não viram, mas lá toda a gente conta. Era uma coisa de fazer virar o sangue á gente. O que morreu enganava o outro, sabe?

Turibio repetia:

— Enganava o outro...

— E', enganava-o com a mulher. Mettia-se lá dia e noite. Todo o mundo via; o marido é que não via nada. Mas um dia... O senhor sabe; lá vem um dia em que a gente descobre tudo. O marido apanhou os dois em casa...

Turibio deitou-lhe a mão a um braço, rapido, com um relampago nos olhos:

— Com a filha ali perto, não é? Com a filha ali mesmo, deitada ali, vendo tudo, aprendendo tudo. Não houve um raio do céo que os matasse! Acredita em Deus, o senhor? Acredita, hein? Póde-se acreditar, póde-se ter fé, assim?

aquillo? Agora não ha de fazer. Está morto, pagou tudo.

"Pagou tudo!" Turibio cerrára os punhos com força, com odio. Cravava as unhas nas mãos. Via-se-lhe nos olhos uma terrivel expressão de fereza. Esteve assim um bocado; voltava o rosto para um lado, para outro; não via bem, faltava-lhe o ar. Sentia um que quer que era que lhe apertava a garganta. O homem recuára; parecia disposto a ir embora; estendeu-lhe a mão:

— Bem... Então até, hein?

Turibio serenava pouco a pouco, fez-lhe signal para que esperasse. O olhar delle voltava á primitiva expressão de doçura. Respirou muito, quanto poude. A camisa afogava-o; elle rompeu-a, de um gesto rapido. E levava a mão ao peito, hauria o ar balsamico de em redor:

— Perdoe. A gente póde lá ouvir tudo, assim, a sangue frio... E dizem que ha Deus no céo! — soluçava, mal podia falar — um Deus, dizem que ha um Deus! — levou a mão á cabeça em fogo, fechava os olhos; e, ao cabo de um momento. — E... E a filha do outro?

E frisava bem aquelle "do outro":

— A filha "do outro"! Era tão pequenina, tão loura!

— A filha? Coitada! Andou por ahi... Não vê que a mulher poz fogo á casa, sabe?

— Andou por ahi, a filha?

— A mulher poz fogo á casa. Dizia que no quarto onde o tinham morto, depois daquillo tudo, só o fogo é que ainda lá podia entrar. E então, levou a pequenina; deu-a numa casa, lá no alto... Depois, foi embora. Tem andado por ahi; está agora com um, está daqui a bocado com outro... E' uma desgraça; mas, ha gente que é assim mesmo.

— A pequenita ficou, lá no alto?

— E'... Mas davam-lhe muito, davam-lhe á tôa... Coitada! A mãe tinha-se ido embora, o pae estava preso. Era uma desgraça! Pobre de quem não tem nem uma pessoa por si... A mãe della, então, foi por ahi; estava com um, com outro...

— Elles davam-lhe muito?

— Em quem?

— Na pequenina.

— Davam-lhe tanto!

— Davam-lhe! Mas a mãe della, por que é que lhe deixava dar? Tão pequenina, tão loura!

— Pois a mãe já não estava mais lá, na casa. Poz-lhe fogo e foi embora. E então, a pequena ficou. Antes não ficasse! Davam-lhe tanto...

— Davam-lhe muito... E agora?

— Agora — e o homem apontava para o céo, alto. — Agora, está lá, está nos ouvindo...

Turibio agarrou-lhe na mão, puxou-o a si. Cravava-lhe no rosto o olhar fixo, acerado, lucido.

— Está lá! — e mostrava o céo. — Está lá?... Morreu?

— Morreu.

— Morreu!

Lagrimas lhe brotaram dos olhos, rapidas, ardentes. Escaldavam-lhe o rosto, punham-lhe como que pequeninos diamantes pela barba hirsuta. Quedára-se em silencio. Por fim:

— Elles davam-lhe muito?

— Se lhe davam! Até nem parecia gente christã...

Turibio murmurava — "Davam-lhe!" E, com os olhos vagos, absorto:

— E ella morreu?

O homem affirmava que sim. E elle levantou os hombros, num soluço:

— Assim até foi melhor!

O outro fitava-o, commovido. E depois:

— O senhor gostava da pequenina?

— Pois se ella era... — e calou-se; desvairava-se-lhe o olhar, levou a mão á bocca, olhava em roda. E aos poucos: — Vim por aqui muito... Muitas vezes! Nestes braços andou ella. Era assim — e fazia-lhe o tamanho com a mão. — Tinha uns cabellos que só vistos, de lindos! E davam-lhe! Se eu estivesse lá... Juro-lhe pela minh'alma! Levasse-me um raio se mais algum dia se levantasse a mão que lhe estivesse batendo!

Baixou a cabeça; tinha os olhos cravados na terra, direitos, fixos. As lagrimas corriam-lhe grossas, rapidas, continuas. Soluçava. O homem estendeu-lhe a mão:

— Desculpe, hein ? Mas, eu vou indo...

— Eu vou tambem... O senhor disse que a Agua Nova é pr'a lá, não é ? — e mostrava-lhe o caminho, longe. — Eu vou... A mãe della, então, ficou lá na casa?

— A mãe da pequenina ? — Turibio fazia-lhe que sim; o outro sorriu. — Foi embora... Pois ella deitou fogo á casa e foi embora.

— Deitou fogo á casa... Ardeu tudo ?

— Tudo.

— E foi embora ! Comtanto que a não tenha tragado o inferno... Vê o senhor ? Tanta miseria !... O céo cobre tudo, azul, azul... A casa era lá pr'a cima, não era ? Uma, de taboas, com um mamoeiro á porta, uma hortazinha ao fundo ? Tinha-a feito elle mesmo... Elle, sim; elle ! Muita terra cavou pr'a a fazer...

— O marido era da lavoura ?

— O pae, o pae da pequenina ! Era da lavoura... Duma outra lavoura; tambem se cava a terra, tambem se planta, mas não se colhe. Cavou muita terra, muita ! Ah ! assim a estivesse elle agora cavando para a que foi embora !

O homem achava que sim:

— E' mesmo, antes trabalhasse pr'a a filha. Quando se tem mulher assim...

Mas Turibio interrompeu-o:

— Pr'a a filha, não ! — E com a voz em lagrimas: — Pr'a a filha, coitada ! nem foi elle que a cavou. Atiraram-n'a lá para o fundo, á tôa. Pr'a a filha, não; para a que foi embora ! Deitou fogo á casa e foi embora... Antes para ella ! Bem larga, bem funda ! Lá, bem embaixo...

E dentro em pouco:

— A casa era lá pr'a cima ?

— Inda lá está o terreno... E' perto. Eu é que já vou indo...

— Tambem eu vou.

E foram ambos. Turibio calára-se; por vezes, ouvia-se-lhe um soluço. O homem apertava o passo. Numa curva, por uma aberta de cerca, mostrou-lhe o caminho adeante, o terreno da casa, o mamoeiro á porta, longe, mal distincto. O sol cahia agora do alto, por sobre a terra humida da geada; aureo e tardio, retardatario sol benefico de Junho...

Turibio reconhecia a estrada, alegravam-se-lhe os olhos. Já nem sentia o cansaço de ha pouco. E marchava calado, com pressa. Num ponto, o homem agarrou-o, fel-o parar:

— Olhe, vê ali, agora...

Era o terreno proximo, o mamoeiro á entrada. Onde a casa estivera, por sobre a massa disforme do entulho, damninhas plantas se enredavam, subiam, avassallavam tudo. E dentre ellas, apenas, a espaços, carbonisados caibros emergiam do matto crescido e ruim.

Pararam á porta. O homem voltou-se para Turibio:

— Não era aqui ?

— Era... — e elle fitava o terreno desolado e lugubre. — Era aqui ! — e enchiam-se-lhe os olhos dagua. — Comtanto que a não tenha tragado o inferno ! Olhe, tem a sua vida segura, o senhor ? — o outro não respondeu. — Tem-n'a segura ? Deixe-a andar... Segura para que ? Um dia desaba tudo. Está ali, queimado, pobre... E o céo cobre tudo, azul, azul...

Passeava os olhos em redor. Subito:

— O cemiterio é pr'a lá, não é ?

— E' lá adeante, no fim daquelle caminho; lá por traz daquella mangueira grande.

— Lá adeante, por traz da mangueira ? Olhe — e acenava-lhe com a mão. — Deus que o acompanhe !

E deixou-o.

"Deus que o acompanhe !" Foi embora. O homem ficára, pasmo; abanou a cabeça sorrindo:

—Qual !

"O sol cahia agora do alto..."

E seguiu. Turibio embrenhara-se pela estrada. Tinha as pernas tropegas, como as de um ébrio. Gelava-se-lhe a cabeça; esvaiam-se-lhe as forças. E aos olhos delle, o campo em roda, as arvores, os morros, tudo se ia de tenebras cobrindo. Deu ainda uns passos, mas dobraram-se-lhe os joelhos, fez-se-lhe um vacuo em torno. Cahiu para a frente, e ficou inerte, ao meio da estrada, ao sol.

Nevoas cahiam do alto, quando se lhe descerraram os olhos. Vinha a manhã nascendo, longe. O orvalho alagara-lhe a roupa. Tiritava de frio. Despiu o casaco humido; sacudiu-o com força, vestiu-o de novo. Tumultuavam-lhe idéas no cerebro. Sentou-se; fitava a estrada adeante. E a pouco e pouco, foi-se-lhe aquietando a cabeça. Lembrava-se devagar:

— "Poz fogo á casa". Lembrava-se. "O cemiterio é pr'a lá..." Ergueu-se; sentia-se fraco, com fome, respirou, tirou o chapéo. E poz-se a caminho. "O cemiterio é pr'a lá..."

Avistou-o, adeante. Homens estavam á porta, casaco aos hombros, fumando; um dentre elles, tomava-lhes os nomes:

— Gaspar ?

— Cá está.

— Domingos ?

— Prompto.

Entravam, um a um, tirando os casacos, dobrando-se ao meio. Turibio chegou-se, chapéo na mão:

— Com licença dos senhores... E' que... Eu venho lá de cima... 'Stou desempregado. Então, vinha por aqui... Talvez queiram alguem para a enxada.

Um alto, espadaudo, coçou a barba, e depois:

— Isso é lá com o Sr. Eduardo.

E deu com o queixo para o lado do que tomava os nomes. Turibio foi para elle, vagaroso, hesitante, timido:

— Com sua licença, hein... E' que eu 'tou desempregado. E'... Perdoe o senhor... E vinha para saber se não precisam cá ninguem.

O Sr. Eduardo tinha um cachimbo á bocca; tirou-o, olhou do alto:

— Você já trabalhou nisto ?

— Tantos annos !... Ah! a mim não me ganhavam ! — e procurava uma resposta.

—Mas o senhor sabe; a gente guarda o seu dinheiro, depois é infeliz...

O Sr. Eduardo franziu a testa. Este a pensar, olhava-lhe pr'a a cara. E depois para dentro:

— O' Maturina ? !

"Maturina !" Turibio sentiu que a alma lhe saltava num impeto. E de dentro uma mulher veio, chegou á porta:

— Assim inda é peor... Agora é só ferver a agua.

— Quem é que fala aqui em ferver agua ? — e ella calava-se, attenta. — Sabes tu quando vem o Corrêa ? —

— O Corrêa ? — a mulher sorriu. — Vá esperando ! O vir, diz elle que vem para a semana agora o poder vir é que são ellas.

Turibio cravava-lhe os olhos no rosto; olhar de odio, olhar impiedoso e mão. Traspassava-a implacavel e frio. Por fim, baixou a cabeça. O Sr. Eduardo pensava, franzida a testa:

— Homem, você se quer, fique pr'a ahi, a ver. Mas olhe que assim inda se lhe não dá nada.

Turibio calara-se, o Sr. Eduardo convencia-o:

— Porque ahi ha um de cama... Elle ha um de cama... E você fica co'o seu direito.

— Isso é...

— A comida fornece-se-lhe ahi, você paga-a. O outro póde ser que não vá nem ao S. João. E você fica co'o seu direito. Lá o seu direito é que se lhe não tira...

E Turibio ficou. E numa frigida tarde ennevoada e tristonha, o Corrêa veiu, do alto, piedosamente trazido, a mão, para uma cova que elle mesmo se esforçára por abrir. Os outros acompanhavam-n'o, descobertos, silenciosos e graves. Fizeram-n'o descer para o fundo, hirto e magro. E a terra que lhe deitaram cahia aos poucos, numa poeira leve, para o não acordar.

"Rezava o quer que fosse..."

— Porque este é cá dos nossos... — explicaram.

E um, para Turibio:

— Quem aproveita agora és tu... Faze-te fino porque querel-o, ao logar, ha muito quem n'o queira.

Deram-lh'o. O Sr. Eduardo chamou-o, logo no outro dia, cedo. Batendo-lhe no hombro, com amizade:

— Agora, ficas de vez. Cá a palavra dum homem, é ali; o que se diz e o que está ! E o teu direito, olha que ninguem t'o tira.

Elle agradecia. Ficou de vez. Os outros estimavam-n'o; era generoso e humilde. E reservavam-lhe a tarefa peor. Faziam-n'o acabar o serviço de um que tinha a mulher de cama, trocar de horas com outro a quem a humidade da manhã punha doente. Era o ultimo a largar a enxada. E vinha embora, cantando. A' noite, apenas, errava pelo quadro dos anjos, á procura. Escutavam-se-lhe soluços abafados.

Foi então, ao descambar de uma tarde sonora e rutila — já as mangueiras se cobriam de flores e mysteriosos perfumes erravam no ar — o Sr. Eduardo parou, por entre tumulos, vendo-o a fechar uma cova, curvado e suando:

— O' Turibio ? ! — e Turibio levantou a cabeça. — Olha qu'isso não vae a matar ! Não vae a matar, que diabo ! Assim, preparal-a pr'a ti...

E Turibio ergueu-se, apoiou a mão á enxada; olhava o sol morrendo, longe...

— E'. Fica pr'a amanhã... Já o verão entra. O sol vem cedo.

Sacudia a terra presa á enxada; apanhou o casaco, perto, a uma borda de tumulo, atirou-o ás costas, poz a enxada ao hombro. E veiu, e dizia:

— Porque lá isso é... Não vae a matar. Mas sempre é bom andar p'ra deante. O que fica feito, fica feito. Não se faz mais...

Tinham-lhe dado um quarto de taboas, janella para o quadro dos adultos, em frente. Pedira-o, instára por elle. Os outros dormiam á entrada, paredes meias com o administrador. Turibio, porém, lembrára as corôas abandonadas, fôra. "Assim até era melhor para a vigia". E ficára lá. De onde estavam, já o quarto se avistava, ao fim da aléa. E elle repetia:

— O que fica feito, fica feito... E' tempo que se poupa. Não se faz mais.

— E'... Mas tu, matas-te. Um homem quer-se trabalhador, mas com saúde. Porque depois, dá-lhe em casa o raio da doença; e é pegar-lhe p'r'ali, á tôa, e é vel-o a s'agoniar... Elle vae-se, e os outros é que ficam.

Turibio concordava:

— Tambem lá isso, é...

Vieram. Elle parou á porta:

— Vou aqui agora ver...

— Pois então, é o que te digo; um homem quer-se com saúde.

E o Sr. Eduardo seguiu. Turibio demorou-se um pouco, á porta. Enrolava um cigarro; puzera a enxada a um canto. Por fim, entrou. A noite cahia, tenue; e, no céo ainda claro, a lua, em crescente, surdia, luminosa e doce.

Madrugada alta — inda a manhã não viera — já elle estava vestido, á janella do quarto. Fumava, pondo largas baforadas para fóra, através da neblina e da noite. E, subito, por entre arvores, longe, ao luar, um vulto de mulher, hesitante e esquivo.

(Conclue no proximo numero)

Cirurgia

POR

BRASIL GERSON

(Desenho de Ravasco)

Elles me botaram dentro de uma camisa branca, enorme, e depois em cima de uma cama exquisita, de ferro, que uma mulher vestida de branco levou para uma outra sala toda branca.

Um senhor muito grave, com um avental todo branco tambem, sorriu para mim, com certa gravidade e me disse que tudo aquillo não ia passar de dois minutos.

— Quer um pouco de anesthesia local? — me perguntou.

Vi o teu sorriso sorrindo no meu pensamento, e respondi que não queria.

Aquelle senhor muito grave pegou numa faca e noutras coisas parecidas, e eu vi muito sangue correr.

Depois não vi mais nada.

Tudo isto aconteceu hontem, e só hoje é que chegou o teu telegramma.

Fiquei differente depois que elle chegou. Não sei explicar bem o que é.

Sinto dentro de mim uma sensação toda nova. Sinto-me feliz commigo mesmo. No meu interior ha uma orchestra que toca tangos que eu não ouvi em nenhuma outra orchestra.

Passo pelas ruas, e só vejo você lá na frente sorrindo.

Lá fora não ha sol nem passaros cantando.

Mas dentro de mim ha toda a alegria de uma manhã de sol e todo o encanto de uma floresta cantando.

E eu estou aqui, meu amor, na prisão desta sala branca, cheia de silencio, e cheia do cuidado desta mulher toda vestida de branco, a contar quantas vezes bate por minuto o meu coração, que ás vezes bate depressa, ás vezes devagar...

Di Cavalcanti
por
Octavio Sergio

Brasil Gerson acaba de publicar os seus "Vinte annos de circo". Livro gostoso, cinico romantico, actualissimo.

Octavio Sergio
por
Octavio Sergio

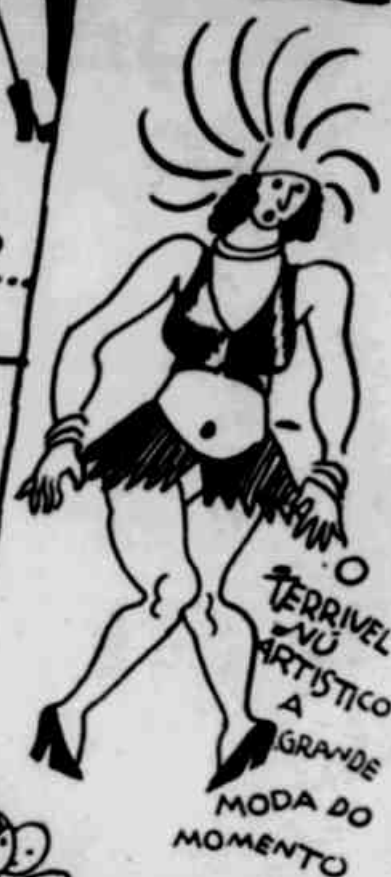
1) — Visita do nosso correspondente Commendador F. de Sant'Anna ao Pavilhão do Brasil em Sevilha. Nosso correspondente Com. F. de Sant'Anna, Director Geral do Commissariado, Dr. Staidel, Consul do Brasil em Sevilha Manoel Zapatta, Inspector da Agencia Americana Dr. Jorge de Godoy, Representante technico da Associação Commercial e Bolsa do café de Santos, Carlos Sardinha, Jayme da Gama Abreu, e outras pessoas.

2) — Por occasião da visita da Rainha da belleza de Andaluzia ao Pavilhão do Brasil, o nosso correspondente Commendador F. de Sant'Anna lhe offerecendo uma chicara do afamado café brasileiro.

Achavam-se presentes: Os membros do Commissariado do Brasil e seu Director Dr. Vergueiro Staidel, Addido Commercial, Dr. Cambuim, Consul do Brasil em Sevilha, Manoel Zapatta, Director e Inspector da Agencia Americana, Jornalistas hespanhoes, e Dr. Caio Monteiro, Delegado do Instituto do Café.

Exposição de Sevilha

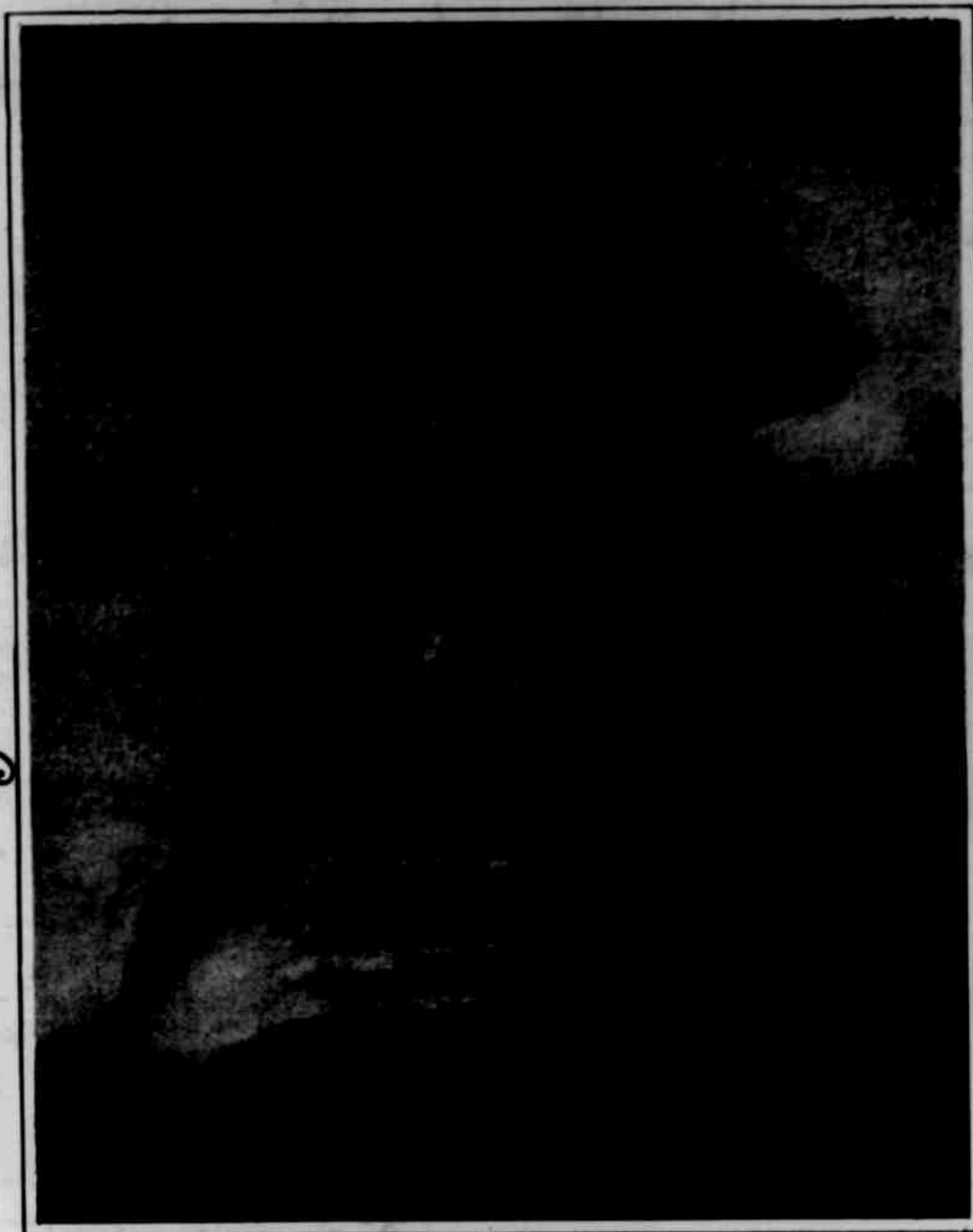
3) — Photographia tirada por occasião da inauguração do pavilhão da Imprensa Ibero-Americana em Sevilha. Em 18 — 6 — 1929. No centro o Conde de los Andes, Ministro da Economia, Director Geral da Exposição, Presidente da Associação de Imprensa, D. Alfredo de Rivera, Director da Agencia Americana, Dr. Jorge de Godoy, Inspector. Commendador F. de Sant' Anna, correspondente da "A Noite" e Revista "O Malho" do Rio de Janeiro.

OH! O RIO A NOITE!...
HAVERÁ COISA MAIS EXTRAORDINARIA DO QUE A PARADA DE ALMOFADINHAS NA CALÇADA DO QUARTEIRÃO SERRADOR?...
O TERRIVEL NÚ ARTISTICO A GRANDE MODA DO MOMENTO
O CABARET REINO DA MAIS PRO FUNDA TRISTEZA... NÃO É BOM FALLAR NO CABARET CARIOCA
E A TERRASSE DO CAFÉ NICE ONDE ALGUNS BOHEMIOS INTERNACIONAES RECORDAM OUTRAS TERRASSES... OUTROS PAIZES...
O RIO NOCTURNO
REPORTAGEM DE DI CAVALCANTI
POR ESSAS E OUTRAS. QUEM QUER GOSAR A VIDA FICA EM CASA SONHANDO...
DI CAVALCANTI

De Elegancia

FRANCISCO VILLAESPESA

O apartamento do hotel em que está hospedado Francisco Villaespesa, abre larga janella donde se avista toda a bahia de Guanabara. No interior, pilhas e mais pilhas de livros de autores brasileiros — quer em prosa, quer em verso — livros estrangeiros, flores, muitas flores, e, á mesa, cigarros, jornaes e um bule de café.

O escriptor hespanhol não gosta de sahir. De vez em quando — disse-me elle — dá um mergulho na vida real, e, logo, volta aos seus livros, aos seus escriptos, ás suas conferencias. Vive uma vida sua, muito sua e muito interessante no convivio das letras.

Ao poeta que a Hespanha celebra como dos maiores e a outra parte do mundo intellectual acata e admira, tive eu a audacia de pedir uma opinião para esta pagina, que, como se vê, é uma pagina de fanfreluches, de coisas futeis, mas muito essenciaes á vida social. Não se mostrou elle enfadado por lhe ter eu pedido respostas a perguntas tão frivolas. Assim, quando lhe falei:—Que pensa da elegancia? Respondeu com vivacidade: — E' uma arte. Como a Poesia. Mas não se aprende. Nasce-se elegante. Ninguem se faz elegante. E' coisa instinctiva e, muita vez atavica. — E a elegancia das roupas femininas, das attitudes — tambem femininas?

— A elegancia das roupas e das attitudes? E' só harmonizar, sem prejuizo ou imposição de modas, a roupa e o gesto com a propria plasticidade e com o estado de animo. Para isso fôra preciso que cada mulher fôsse sua propria modista... O que se aprende forçadamente destôa da natural elegancia, da elegancia espontanea como deve ser a perfeita elegancia da mulher.

— E a masculina?

— As roupas masculinas são absurdas, encommodas e inestheticas. Não têm personalidade.

Villaespesa pede mais café e accende mais um cigarro.

Pergunto-lhe então:

— Conhece varios estados do Brasil. Em qual delles a mulher é mais elegante?

Sorriu o grande poeta:

— Sim, conheço o Rio Grande, Paraná e São Paulo. Ha em todos, mulheres elegantes, mulheres que se vestem com elegancia.

Escapava elle, assim, intelligentemente, ao cotejo que eu provocára.

— Como entende as imposições da moda?

— São as arbitrariedades dos costureiros — responde Villaespesa — a que se não devem submetter as mulheres verdadeiramente elegantes.

— Acha que a mulher deveria ter, como o homem, um traje uniforme?

— Traje uniforme feminino? Que horror! que horror! Nunca. Devia ser, pelo contrario, cada vez mais differente. Cada mulher precisa de ataviar-se de accordo com o seu intimo...

— E os homens que muito se preoccupam com as roupas? Concentraram-se os traços do escriptor numa seriedade um tanto forçada.

E exclamou elle:

— Homens que se preoccupam com as roupas?! Isso é problema quasi sociologico, senão *patologico*, que, por elle, na realidade, deveriam todos interessar-se, porque todos têm não só o direito, como o dever de manter a esthetica.

— A sua impressão da côr no vestuario feminino?

— A côr, segundo a maior ou menor leveza dos vestidos, depende do cunho pessoal de cada mulher, modificado pelo ambiente, a estação, a idade e tambem o estado dalma. E' coisa personalissima. Toda mulher deve ter a sua côr senão os seus matizes.

— Dizem que a brasileira ama os coloridos vivos. Sob o sol carioca, e nas calçadas tambem, as cariocas elegantes constituem invejaveis palhetas... E' a claridade da nossa terra que lhes dá o gosto do alácre, mas essa mesma claridade da nossa terra tambem lhes desbota depressa os lindos vestidos feitos de panos muito bonitos, á primeira vista, coloridos mas com tintas inferiorissimas. Agora, um pouco mais de paciencia...

— Quer um "cigarrillo"? — perguntou-me o escriptor.

— Eu...

— Acceite. Fume. E' excellente.

— Guardo-o... para mais tarde. Escute. Passemos das tonalidades dos tecidos ás da pele. Consta de ha muito, que as morenas estão no rigor da moda, tanto que as claras se submettem ao processo de "cortir" a cutis...

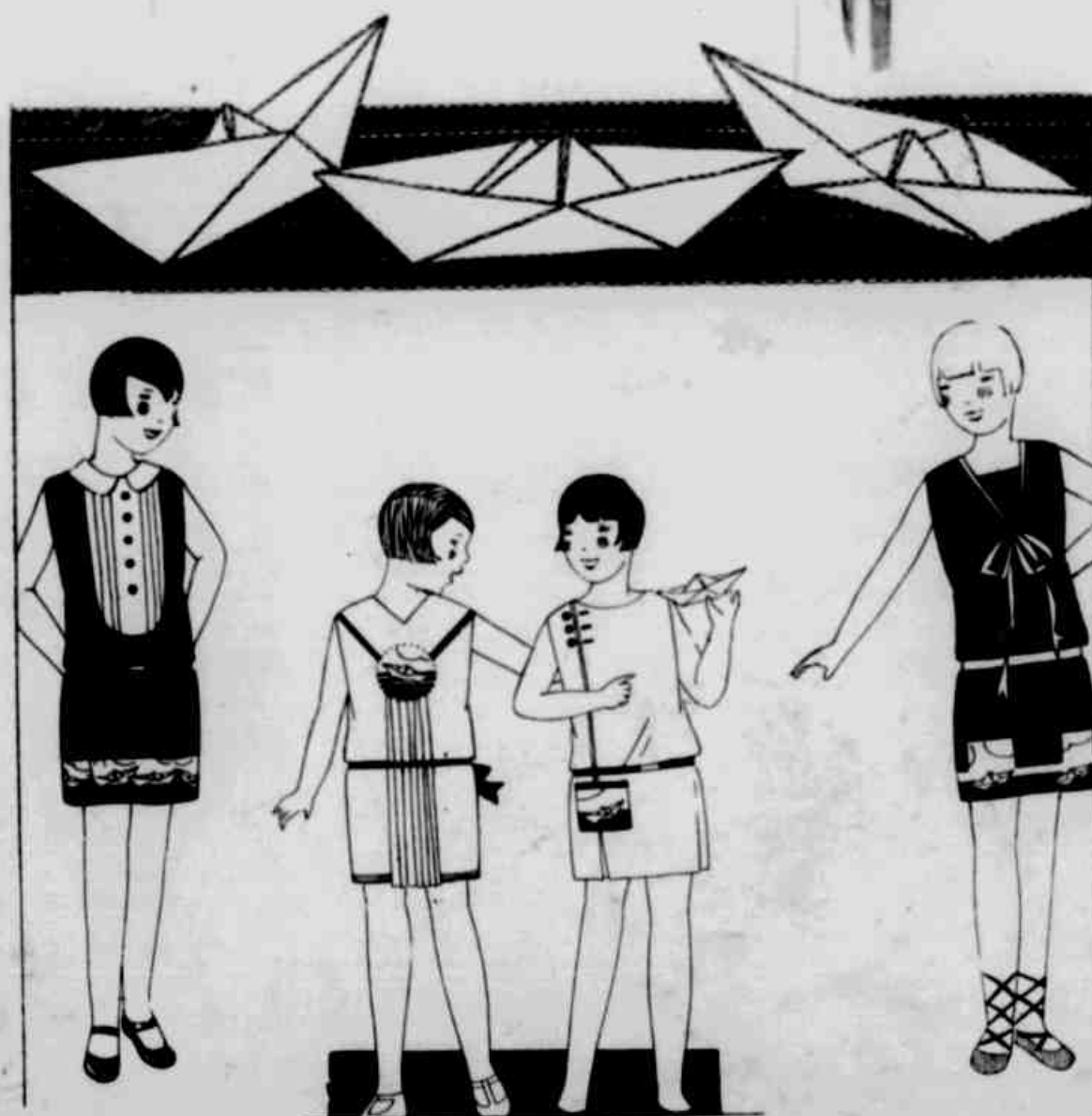
— Morenas ou ruivas? Dá no mesmo, comtanto que sejam bellas, intelligentes, "sensiveis". Creio que a mulher deve cultivar mais a sensibilidade, porque esta dá á belleza e á graça, muito mais que a intelligencia, fulgôr unico, attractivo maravilhoso.

— E o seu modo de julgar a hespanhola?

— Na Hespanha, a mulher mais elegante é a mais "hespanhola", isto é, a mais natural e espontanea. Em regra geral, a hespanhola é sobria e com isto se mostra muito adeantada em materia de elegancia.

— Poderia dizer-me algo da mentalidade feminina?

— Considéro a capacidade feminina igual á do homem, senão mais propria que a deste nas questões artisticas, porque as mulheres têm mais aguda a sensibilidade, e mais inconscientemente transcendental.

— E as mulheres "poetas"?

— Quando sinceras, são admiraveis. Na lingua hespanhola, nos ultimos annos, as poetisas imperam sobretudo na America. Em primeiro logar, Delmira Agostini, o mais intenso temperamento feminino desde Santa Theresa. Depois, Gabriela Mistral, Juana de Ibarborou, Alfonsina Storni, Maria Alicio Domingues, Margarita Abella Caprile, Luisa Luisi, Mariblanca Sabas Alorna, Ana Neves, Raquel Saeur... O mais puro, o mais vibrante da poesia hespanhola está nas divinas mãos das mulheres.

• • •

Os vestidos de hoje: "manteau" de "tweed" havana, laranja e "beige", blusa de crêpe marroquino laranja e saia de lá côr de havana;

"manteau" de crêpe Sokol preto, babado em fórma e gola de "renard" côr de fumo. Fôrro de setim côr de fumo e desenhos cinza prata;

vestido de crêpe da China rosa guarnecido de renda grossa. "Manteau" de "alpaga" rosa.

Em taes figuras, muito de notar é o resurgimento do véo, de que, aliás, tratarei na primeira opportunidade.

• • •

Secção de agulha: barquinhos como guarnição de roupa de creança. Ponto de haste de linha lustrosa.

• • •

No proximo numero A. Dorét falará ás leitoras desta pagina sobre cabellos e perfumes.

SORCIÈRE

A ESTAÇÃO VILLA ROSALY INAUGURADA

Aspecto parcial de São João de Merity, onde foi inaugurada a nova estação

O Dr. Mario Cabral, chefe dos serviços da E. F. Rio d'Ouro, ladeado pelo Prefeito de Nova Iguassú, Dr. Rubens Farrulla, e convidados.

O carro especial da Rio d'Ouro conduzindo o Dr. Mario Cabral e sua comitiva, ao transpor o final da variante "Farrulla".

São João de Merity, a pittoresca cidade fluminense, que dista desta Capital uma hora de trem, acaba de ver inaugurada a nova estação da Rio d'Ouro, denominada Villa Rosaly, melhoramento este de iniciativa da firma Farrula e Cia. Lda., que doou á Rio d'Ouro os terrenos para a construcção da variante Farrulla e construiu a estação Villa Rosaly, que serve tambem aos moradores da sua grande area nessa cidade. A inauguração da estação Villa Rosaly realizou-se a 14 de Julho com toda a festividade.

A estação Villa Rosaly no dia de sua inauguração

Cyrano de Niemeyer Portocarrero, filho de D. Dinah de Niemeyer Portocarrero e do 1º Tenente Tito Portocarrero. Cyrano acaba de matricular-se no Collegio Militar e diz elle que vae seguir a carreira de seu avô, General Tito Augusto Portocarrero e de seu bisavô, Marechal Conrado Jacob de Niemeyer, que foram dois notaveis engenheiros militares.

CASA GUIOMAR

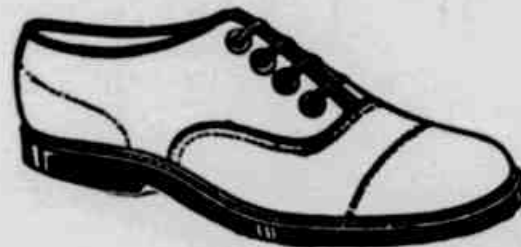
Calçado "DADO"

A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

AVENIDA PASSOS, 120 — RIO

Tel.: Norte 4424

32$000 Chics sapatos em pellica envernizada preta com fivella de metal, Luis XV, cubano medio.

42$000 Em fina Camurça Preta.

Superiores sapatos de pellica envernizada preta entrada baixa, com fivella, salto baixo, proprios para mocinhas.

De ns. 28 a 32 . . . . . . 24$000
De ns. 33 a 40. . . . . . 27$000

Porte 2$500 em par

Fortissimos sapatos typo alpercata de vaqueta avermelhada proprios para escolas.

De ns. 18 a 26. . . . . . 3$000
De ns. 27 a 32. . . . . . 9$000
De ns. 33 a 40. . . . . . 1[illegible]$000

Em vaqueta preta mais 1$000

Pelo correio mais 1$500

REMETTEM-SE CATALOGOS GRATIS

Pedidos a JULIO DE SOUZA

PARA EXTIRPAR AS RAIZES DOS PELLOS

As senhoras que se contrariam com o crescimento de pellos superfluos, devem saber que existe um meio que permitte obter o seu definitivo desapparecimento matando-lhe as raizes. Para se conseguir este resultado basta applicar porlax paro pulverizado ás partes onde surjam tão incommodos hospedes. Recommenda-se muito especialmente este tratamento, porque elle força o instantaneo desapparecimento dos pellos e, além disto, ao extirpar as raizes dos ditos pellos, faz com que estes não reappareçam. Uma onça de porlac, que póde ser adquirida em qualquer pharmacia, é sufficiente para o tratamento.

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

VICTOR CAXIAS (Rio) — Sua graphia sobria denota equilibrio, moderação, reflexão, reserva, prudencia.

Ha tambem um pouco de amor ás commodidades, ao luxo, ás viagens.

Nota-se ainda que no momento de escrever estava um pouco nervoso.

A maneira de graphar seu nome, começando pelo terceiro e terminando no primeiro, indica desconfiança, um tanto de capricho e originalidade.

BUTUCA LOURA (Rio) — Letra movimentada, prova de imaginação viva, alegria, agitação, loquacidade. As palavras escriptas sem solução de continuidade demonstram grande poder de deducção logica, actividade psychica, assimilação facil, sequencia nas idéas, embora com um pouco de precipitação.

A fórma de assignar seu nome é uma prova de que tem personalidade forte, bem definida.

O horoscopo das pessoas nascidas em 23 de Abril é o seguinte: Têm muita resistencia physica e grande força mental o que lhes dá aptidão para vencer obstaculos. Muita capacidade para dirigir, e dominio sobre si mesmo.

Têm tendencia para a vaidade, para se vangloriar e dar conselhos que lhe não são pedidos.

Não admittem que outros tenham idéas e gostos diversos dos seus. São obsequiadoras e serviçaes. Não devem contrahir matrimonio nos dias 24 e 25 do mez em que nasceram. Sua prole será numerosa e sadia.

ALIVA (São Paulo) — Sua letra redonda mostra que é bondoso, indulgente, sensivel, com amor proprio muito susceptivel, facil de se melindrar por qualquer cousa. Altruista, generoso, não sabe negar auxilio a quem recorre aos seus bons officios.

Sua assignatura, ou melhor: o traço com que a sublinha é signal de que tem caracter firme, e não perdôa as offensas, vingando-se quando encontra opportunidade para isto.

RUTH (São Paulo) — Imaginação viva, grandes aspirações, orgulho mesclado á generosidade são as principaes caracteristicas da sua letra. Os traços verticaes indicam energia, reserva, força de vontade, o que é confirmado pela fórma de cortar os tt e pelos pontos accentuadamente fortes dos ii. Noto ainda teimosia, espirito critico e satyrico. Firmeza de opiniões, resoluções promptas.

PERY (Rio de Janeiro) — Traços inclinados para a esquerda: dissimulação, desconfiança, contensão de espirito. A graphia da letra "q" denota reserva, assim como a do "t" com um laço inferior e um córte alto, signal de vontade forte, calma, obstinação. Quem escreveu a carta não foi a mesma pessoa que graphou o pseudonymo.

Apezar do que disse acima, o autor da carta é bondoso, apparentando, porém, não o ser. Timbra em occultar seus bons predicados.

ASTHMA

O REMEDIO REYNGATE para o tratamento radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, Defluxos, Bronchites, Catarrhaes, Tosses rebeldes, Cansaço, Chiados do Peito, Suffocações, é um MEDICAMENTO de valor composto exclusivamente de vegetaes.

É liquido e tomam-se trinta gottas em agua assucarada pela manhã, ao meio-dia e á noite ao deitar-se. Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

AVISO — Preço de um vidro 12$000, pelo Correio, registrado, réis 15$000. Envia-se para qualquer parte do Brasil em carta com o VALOR DECLARADO ao Agente Geral J. de Carvalho — Caixa Postal n. 1724—Rio de Janeiro.

Deposito: Rua General Camara n. 225 (Sobrado) — Rio de Janeiro.

EU (Nocturno Paulista) — Original sua graphia em que os traços cheios contrastam singularmente com as linhas tenues: Amor aos prazeres, exaltação dos sentidos, sensualismo. Luta do seu proprio "eu" contra essas tendencias. Gosto pela poesia, pelas artes, sentimento esthetico desenvolvido.

Deducção logica, poder de assimilação, concatenação das idéas. Fantasias, divagações, epicurismo.

FORTE (Rio) — Intelligencia mediocre, pouca cultura intellectual, assim como pouco amor á verdade.

Perturbações cardio-vasculares. Deve procurar um medico especialista para examinar seu coração. Como é um espirito impressionavel não vá pensar que está muito doente. Deve apenas cuidar de sua saude, que parece precaria. O traço complicado com que rubrica seu nome dá idéa de que gosta das situações embaraçosas, dos rodeios, dos caminhos mais difficeis para attingir um fim qualquer.

CLARA (Sylvestre Ferraz) — Muita delicadeza, sensibilidade forte, fraqueza. Pouco amor á verdade, o que se evidencia da sinuosidade das linhas; espirito accommodaticio, concordando com tudo para não desgostar seja a quem fôr. Bondade, gentileza, hesitação, medo, receio, infantilidade, ás vezes.

Nervosismo; um pouco de impaciencia ou inquietação, ás vezes. Tristeza, melancolia, depressão de animo.

DESILLUDIDO (Rio) — O traçado rectilineo das suas palavras indicam severidade, firmeza, inflexibilidade, amor

MARATAN

Tonico nutritivo estomacal (Arseniado Phosphatado) Elixir indigena — Preparado no Laboratorio do Dr. Eduardo França — EXCELLENTE RECONSTITUINTE — Approvado pela Saude Publica e receitado pelas Summidades medicas — Falta de forças, Anemia, Pobreza e impureza de sangue; Digestões difficeis, Velhice precoce. Depositarios: Araujo Freitas & Cia. — 88, Rua dos Ourives, 88 — Rio.

L E I A M

Espelho de loja

de

ALBA DE MELLO

nas livrarias

á rotina, conservadorismo. O arredondado das letras é signal de bondade, indulgencia, o que está em desaccordo com as caracteristicas anteriores, de onde se conclue que talvez sua severidade seja apparente. Ha fortes indicios de sensualismo nos traços cheios de quasi todas as letras. Sua assignatura cheia de arabescos denota espirito desconfiado, amigo de situações complicadas e embaraçosas, cheias do mysterio que os tres pontos na mesma assignatura vêm confirmar claramente. Ha tambem grande dose de scepticismo no intimo de sua alma revelada em certos caracteres da sua escripta, como ainda trahida no pseudonymo adoptado.

BRASA (Rio) — Letra fina e inclinada para a direita... muita sensibilidade, delicadeza, fraqueza physica, tendo, entretanto, o animo forte, alguma força de vontade, um tanto capr chosa. Espirito critico, mordaz. Amor proprio muito susceptivel, o que quer dizer: ciumenta; sentimentalidade, indecisão antes de se resolver a tomar um partido. Elegancia e vaidade, aliás natural nas filhas de Eva.

PAJO (Rio) — Sua letra desigual denota espirito emotivo, agitação, mobilidade, curiosidade, argucia. Vê-se ainda gosto pelo estudo, principalmente questões philologicas... Um pouco de sensualismo patenteado nos traços cheios de certas letras. Perseverança, teimosia, tenacidade mesmo na consecução dos fins visados. O traço com que firma sua assignatura é uma prova da sua energia e força de vontade, assim como o forte ponto do jota... Livros sobre graphologia são raros aqui. Procure, entretanto, lêr o "Traité de graphologie scientifique", do Dr. P. Joire, e os livros de Crépieux Jamin, Streletski e Solange Pellat.

GRAPHOLOGO.

Brinde aos leitores do O MALHO

Os assignantes annuaes do O MALHO têm direito ao recebimento *gratuito* do

Almanach do O MALHO

A "PEQUENA BIBLIOTHECA NUM SÓ VOLUME", CUJA EDIÇÃO PARA

1930

ESTÁ EM ORGANIZAÇÃO

O mais antigo annuario do Brasil e, portanto, o que melhor conhece as preferencias dos leitores.

EDIÇÕES ESGOTADAS RAPIDAMENTE EM 4 ANNOS SEGUIDOS!

Vamos ter, proximamente, a parada da belleza no Rio de Janeiro. A JUVENTUDE ALEXANDRE garantirá a victoria a quem a empregar: basta um vidro para a experiencia. Vende-se em qualquer pharmacia ou drogaria e custa apenas 4$000 e pelo Correio 6$400. Depositarios: *Casa Alexandre* — Rua do Ouvidor, 148 — Rio de Janeiro.

GRAÇAS ÁS GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

do DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento, durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz.

Innumeros attestados provam exuberantemente a sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias.
Deposito geral:
ARAUJO FREITAS & CIA.
RIO DE JANEIRO

O EXTRAORDINARIO ROTEIRO DE ALAIN GERBAULTO

60-000 KILOMETROS A VELA

(FIM)

nobre e selvagem que sómente Loti havia avistado.

Não passava de enganadora miragem pois, quando me aventurei ao estreito que a separa da ilha de Tahaa, Borabora appareceu radiante, verde e fertil. A brisa tornou-se leve, e era quasi noite quando cheguei á entrada do canal de Teava. Então começou uma navegação cheia de interesse, bordejando contra a brisa e a corrente, guiado sómente pelo ruido das ondas nos recifes que enchiam o canal. Breve terminou essa navegação perigosa e veiu-me auxiliar a claridade da lua que acabava de surgir entre as ilhas de Tupua e Borabora, sobre a lagôa levemente encrespada. Depois, ao approximar-me de terra, nuvens e uma chuva torrencial interceptaram tudo ante meus olhos, mas eu havia podido marcar com o compasso a situação da costa em relação ao pico dos montes Pahia e da ilha Tupua. Larguei a ancora tendo quinze braças de fundo e quando a chuva passou e que a lua reappareceu por entre as nuvens, avistei a menos de cento e vinte braças, o paredão de madeira do embarcadouro de Vaitape. Mesmo em pleno dia, não poderia ter escolhido melhor ancoradouro.

No dia seguinte, recebi a bordo a visita do representante da França, que era um antigo colono, ha quinze annos no paiz. Cumulava essas funcções com as de professor, era casado com uma franceza e tinha duas filhas.

Alguns dias depois da minha chegada, o chefe da ilha deu um almoço em minha honra. Construiram especialmente para esse fim uma cabana aberta e decoraram-na com as flores perfumadas do "hinano" e da "tiare". A' entrada empilhavam-se as fructas, côcos, pencas de bananas. Sentámo-nos no chão de pernas cruzadas, coroados de flores á moda polynesiana, em volta de uma esteira, onde estavam dispostas as iguarias da excellente cozinha tahitiana.

Um dia, um navio de nacionalidade franceza appareceu á entrada do canal. Era o navio "Cassiopée".

Era a primeira vez que eu encontrava, na minha travessia, um navio de guerra da minha patria e admirei muito o garbo magnifico do navio e da sua tripulação.

Era-me muito agradavel encontrar francezes possuindo o espirito maritimo e podendo se interessar ao que constitue a minha vida.

O commandante Jean Decoux fez-me almoçar a bordo e, á tarde, foi visitar o "Firecrest", onde se demorou bastante. Mostrou-se muito interessado pelos meus instrumentos e methodos de navegação; falámos longamente do que tenho feito e de meus projectos futuros deante dos mappas.

Em terra houve, á noite, no gr... do illuminado pelos holophotes do "... siopée", uma grande festa em honra navio de guerra. Em primeiro logar, indigenas, sentados na relva, executara um côro extraordinario em oito part diversas de uma harmonia estranha curiosa, com as notas finaes muito p longadas. Em seguida, os melhores sarinos da ilha executaram uma "... hupa" de uma virtuosidade inaudi contorsões quasi acrobaticas.

No dia seguinte, o "Cassiopée" ... gia-se a Tahiti, mas durante os dias precederam minha partida para as Samoa, pude constatar a excellente pressão que o navio de guerra de... entre os indigenas; sera muito bom ... vissem, de tempos a tempos, Franc... aportarem á sua ilha sem fins inte... seiros.

No sabbado, 12 de Junho de 1926, ... vantei ferro á tarde e sahi da mar... lhosa lagôa de Borabora; ao entrar ... canal de Teavanni, passou perto de m... uma piroga de balancim. Iam nella d... indigenas a cantar, trazendo apenas si... ples "pareus", com os corpos bronz... dos brilhando ao sol. Eram os me... amigos Mana e Teai que voltavam d... pesca. Gritaram-me um adeus triste "Apaé", e supplicaram-me que voltass... mas para mim Borabora já era o passa... do e todos os meus pensamentos s... voltavam para o futuro, para as ilh... Samoa, o archipelago dos navegantes La Pérouze, situadas a mil e duzen... milhas a oeste.

ALAIN GERBAULTO

QUER GANHAR SEMPRE NA LOTERI...

A Astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Ap... veite-a sem demora e conseguirá FORTUNA e FELI... DADE. Guiando-me pela data do nascimento de ca... pessoa, descobrirei o modo seguro que, com minhas e... periencias, todos pódem ganhar na loteria; sem perd... uma só vez.

Milhares de attestados provam as minhas palavras. Mande seu endereço e 300 réis em sellos, para enviar-lh... GRATIS "O SEGREDO DA FORTUNA". Remetta es... aviso — Endereço Sr. Prof. P. Tong. Calle Pozos 1... Buenos Aires—Republica Argentina.—Cite esta Revista.

MAGIC E O SUOR:

MAGIC secca o suor debaixo dos braços.

MAGIC tira completamente o mau cheiro natural do suor.

MAGIC evita o uso dos antigos suadores de borracha nos vestidos.

MAGIC é o unico remedio para o suor aconselhado pelos eminentes Drs. Couto, Aloysio, Austregesilo, Wernech, Terra.

A' venda em todas as pharmacias — Pedidos a Araujo Freitas & C. — Rua dos Ourives, 88 — Rio

Para unhas lindas Esmalte "Caby"

Os meninos que lêem "O Tico-Tico" aprendem a ser homens de bem.

Mater-San

A VIDA DA MULHER

SOBERANO TONICO REGULADOR DAS FUNCÇÕES UTERO-OVARIANAS DA MULHER

ELIMINA AS COLICAS UTERINAS POR COMPLETO

NERVOS CALMOS.

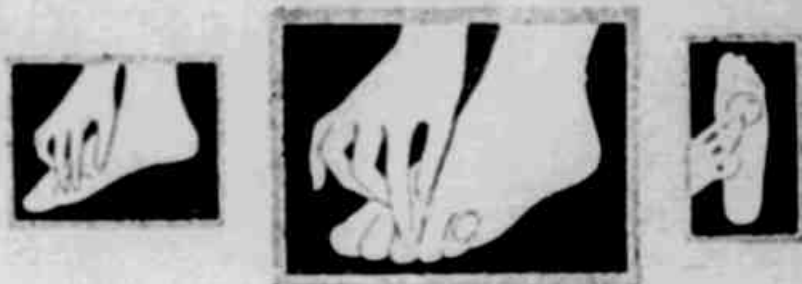
DESAPPARECEU A IRRITAÇÃO

Agora já dorme bem, já vive satisfeita. O mal estar de outr'ora era simples consequencia do mau equilibrio das regras. A Hémocléine, o novo regulador francez, apresentado em granulados de gosto agradavel, corrige as regras defeituosas e combate as doenças de senhoras em geral.

HEMOCLEINE

O REGULADOR VICTORIOSO NAS MOLESTIAS DE SENHORAS

CALLOS

CALLOSIDADES E JOANETES

ESQUECIDOS NUM INSTANTE

Um minuto depois de applicar o emplastro Zino-pads do Dr Scholl V S se esquecerá de haver soffrido qualquer destes incommodos

Vende-se em todas as Pharmacias Sapatarias do Brasil

PREÇO 3$500

Peçam amostras e o livrinho "Tratamento e cuidado dos Pes" do Dr. Scholl a

CIA. DR SCHOLL S.A.

RUA OUVIDOR, 162 RIO DE JANEIRO

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

A melhor revista editada em lingua portugueza collaborada pelos melhores escriptores nacionaes e estrangeiros

RUBINAT LLORACH

A MELHOR AGUA MINERAL NATURAL PURGATIVA

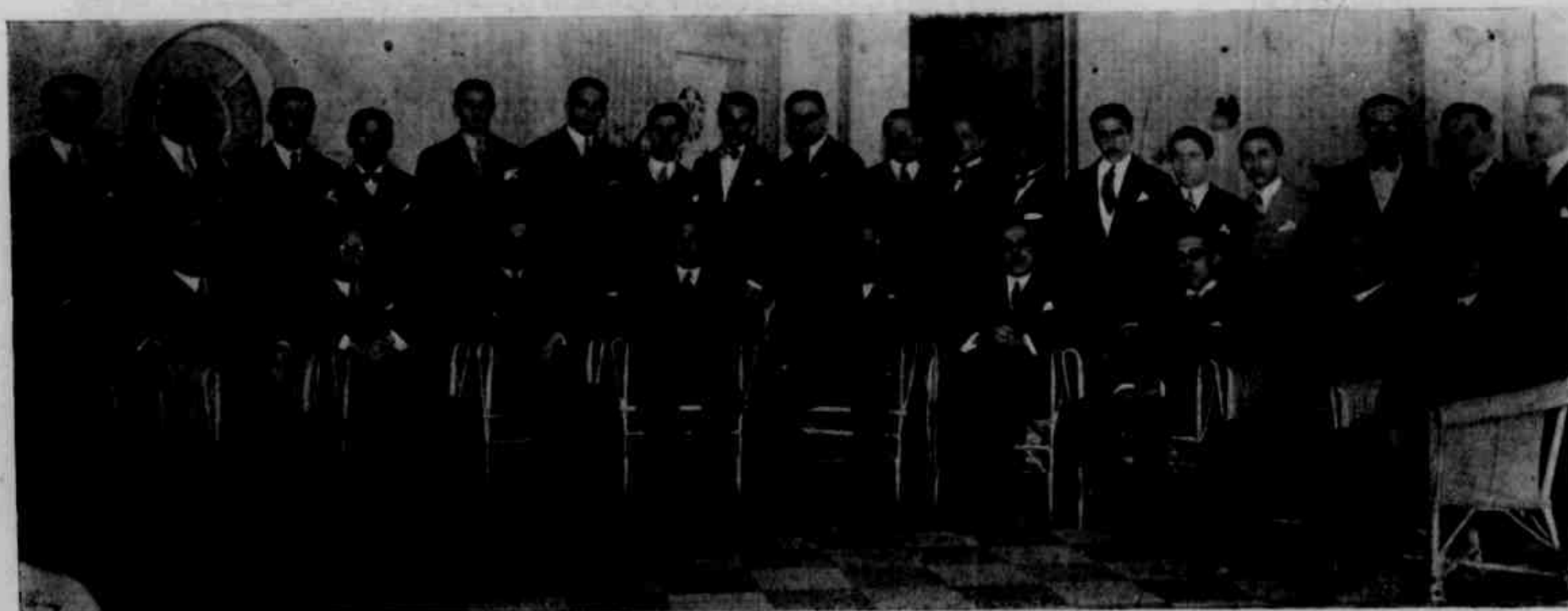
ACAUTELAR-SE DAS CONTRAFACÇÕES NACIONAES OU ESTRANGEIRAS

Lembrança da chegada ao Rio do Dr. Demetrio Ribeiro, propagandista da Republica, ha muitos annos morando em Paris.

Enlace Irene Romêro — Dr. Pericles Miranda.

Leiam
ESPELHO DE LOJA
de
Alba de Mello

No Club dos Bandeirantes, quando foi o almoço que os amigos do Dr. Marques Porto lhe offereceram á sua volta da Europa.

CINEARTE
a melhor revista
de
cinema

A Embaixada de Estudantes Bahianos que esteve no Rio entre as figuras mais representativas do seu Estado aqui, antes de um almoço cordeal no Jockey Club.

KOHOUT

Escrava voluntaria

Os Incommodos Uterinos são como pesadas cadeias que acorrentam o sexo fragil ao desconforto de soffrimentos periodicos mais ou menos graves.

Entretanto, para se libertarem dessa angustiosa prisão, têm as Senhoras uma arma poderosa e infallivel: — o uso d' "A SAUDE DA MULHER".

Toda Senhora que padece de incommodos uterinos é uma escrava voluntaria do Soffrimento, pois para combater esses males, basta usar o grande remedio

Officinas Graphicas d'O MALHO